

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) ADELTON FERREIRA DIAS

TERRORISMO SUICIDA:

a estratégia que libertou o Líbano das tropas de Israel em 1985.

Rio de Janeiro

2021

CC (FN) ADELTON FERREIRA DIAS

TERRORISMO SUICIDA:

a estratégia que libertou o Líbano das tropas de Israel em 1985.

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima.

Rio de Janeiro

Escola de Guerra Naval

2021

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço, inicialmente, aos meus pais, Manuel e Ana Rosa, por todo esforço e persistência na minha formação intelectual e de caráter.

À minha eterna companheira, Thalita, por estar sempre me apoiando e desempenhando as tarefas que a mim cabia, durante minhas ausências e dedicação ao estudo. Por ser tudo que me falta, ninguém no mundo me completa e me faz tão bem como você.

Aos meus filhos, Caio e Ana Beatriz, agradeço pelos sorrisos que me incentivam tanto e por, mesmo que tão jovens, compreenderem a importância dos estudos na vida de um indivíduo.

Ao meu orientador, CF (RM1) Ohara Barbosa Nagashima, por sua paciência, disponibilidade e conselhos, os quais foram muito além de suas obrigações e do estudo em si.

Aos instrutores e oficiais-alunos do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores 2021, pelos momentos de amizade e discussões salutares sobre os conhecimentos mais diversos da Marinha do Brasil, os quais me ajudaram muito durante esta dissertação.

## RESUMO

Os ataques suicidas têm sido parte do arsenal de táticas de grupos insurgentes desde o período do Império Romano (27 a.C. – 450 d.C.). Atualmente, essas investidas são consideradas como uma estratégia exitosa contra tropas invasoras oriundas de uma democracia. Em face desse cenário, o propósito desta pesquisa é verificar a existência de uma correlação positiva entre a retirada do Estado de Israel da República do Líbano em 1985 e o terrorismo suicida executado sobre suas tropas. Para alcançar esse objetivo, estabeleceu-se como desenho de pesquisa o estudo de caso, o qual proveu dados qualitativos e quantitativos para se chegar ao propósito deste trabalho. Com esse modelo referencial, confrontou-se a realidade com a teoria da estratégia lógica do terrorismo suicida de Robert Pape (2003). Assim, foi possível constatar que existe uma correlação positiva que se concretiza com um ciclo do terrorismo suicida contra uma democracia, que é pressionada por ele até alcançar seu objetivo político, que é a retirada das tropas invasoras. Dessa maneira, como resultado da pesquisa, concluiu-se que houve aderência à teoria utilizada. Devido à não generalização desse resultado, incita-se que novos estudos sejam realizados de forma a identificar a mesma correlação. Dessa forma, aconselha-se um estudo voltado para a influência do resultado como o nível de maturidade dos valores democráticos de um Estado invasor. Por fim, é demonstrada a relevância de considerar os ataques suicidas dentre as possíveis capacidades de um adversário insurgente em um planejamento de contrainsurgência conduzido pela Marinha do Brasil.

**Palavras-chave:** Ataque suicida. Democracia. Estado de Israel. República do Líbano. Palestinos.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa do Império Romano em 117 d. C.....	53
Figura 2 - Mapa da expansão do Império Otomano .....	54
Figura 3 - Acordo Sykes-Picot de 1916.....	55
Figura 4 - Mapa de Israel e Estados fronteiriços .....	56
Figura 5 - Plano de criação de um Estado judeu e outro árabe da ONU de 1947 .....	57
Figura 6 - Perda territorial da Palestina desde 1917 .....	58
Figura 7 - Panfleto da OLP.....	59
Figura 8 - Mapa do Líbano.....	60
Figura 9 - Área de responsabilidade da UNIFIL em 1978 .....	61
Figura 10 - Mapa da Grande Síria .....	62
Figura 11 - Mapa de Ocupação da UNIFIL e de Israel no Líbano .....	63
Figura 12 - Ciclo do Terrorismo Suicida contra democracias.....	66
Gráfico 1 - Curva de Impactos dos Ataques Suicidas no Líbano de 1980-1986.....	64
Gráfico 2 - Curva de Número de Ataques Suicidas no Líbano de 1980-1986 .....	65

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AMA -	<i>American Missionary Association</i>
DICA -	Direito Internacional do Conflito Armado
EUA -	Estados Unidos da América
ex-URSS -	ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas
FRNL -	Frente de Resistência Nacional Libanesa
GTD -	<i>Global Terrorism Database</i>
MNF -	<i>Multinational Force</i>
OLP -	Organização para a Libertação da Palestina
ONU -	Organização das Nações Unidas
PBCE -	Postos de Bloqueio e Controle de Estradas
PGM -	Primeira Guerra Mundial
PSNS -	Partido Social Nacionalista Sírio
SGM -	Segunda Guerra Mundial
UNIFIL -	<i>United Nation Interim Force in Lebanon</i>

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	7
<b>2</b>	<b>A LÓGICA DO TERRORISMO SUICIDA</b> .....	11
2.1	O terrorismo suicida .....	12
2.2	A estratégia do terrorismo suicida.....	13
2.3	Democracias e autocracias .....	15
2.4	A motivação do emprego do terrorismo suicida .....	17
<b>3</b>	<b>A RETIRADA DE ISRAEL DO LÍBANO EM 1985</b> .....	19
3.1	O dilema existencial .....	20
3.2	A razão do Líbano .....	22
3.3	A invasão de Israel no Líbano.....	24
3.4	A retirada de Israel do Líbano.....	27
<b>4</b>	<b>OS ATAQUES SUICIDAS EM TERRITÓRIO LIBANÊS</b> .....	30
4.1	Os grupos perpetradores dos ataques suicidas .....	30
4.2	A sinergia operacional entre os grupos insurgentes .....	33
4.3	As curvas de ataque suicida no Líbano de 1980 à 1986 .....	36
<b>5</b>	<b>A LÓGICA DO TERRORISMO SUICIDA APLICADA NA INVASÃO DE ISRAEL NO LÍBANO EM 1982</b> .....	38
5.1	O enquadramento do terrorismo suicida no Líbano .....	39
5.2	A estratégia dos grupos insurgentes no Líbano.....	40
5.3	A força da opinião pública em uma democracia.....	41
5.4	O ciclo do terrorismo suicida aplicada a democracia israelense .....	43
<b>6</b>	<b>CONCLUSÃO</b> .....	46
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	50
	<b>ANEXOS</b> .....	53

## 1 INTRODUÇÃO

Apesar de sua relevância contemporânea, a origem dos ataques suicidas<sup>1</sup> remonta ao período do Império Romano (27 a. C. – 450 d. C.), na província da Judeia<sup>2</sup> (FIG. 1). No primeiro século do calendário cristão<sup>3</sup>, os zelotes<sup>4</sup> foram os primeiros a utilizar essa técnica com o intuito de fomentar uma revolta contra a ocupação de Roma. Esses judeus alvejavam um soldado de uma patrulha romana e lhe cortavam a garganta com uma faca, preferencialmente, em um local público. Os agressores sabiam que os demais membros da patrulha iriam matá-los e que não haveria outro destino além da morte. Entretanto, esses suicidas tinham a esperança de incitar aqueles que observassem suas brutais execuções a se voltarem contra a tropa invasora. Como resultado, esse movimento provocou a Primeira Guerra Judaico-Romana (66-70), da qual Roma saiu vencedora.

Apesar da derrota, essa tática autodestrutiva do ser humano foi continuamente empregada. No Oriente Médio, durante a Primeira (1095-1096) e a Segunda Cruzada (1147-1149)<sup>5</sup>, a Ordem Islâmica dos Assassinos<sup>6</sup> realizava ataques suicidas como demonstração de fé em defesa do islamismo. Posteriormente, no século XIX, grupos nacionalistas<sup>7</sup> na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (ex-URSS) (1922-1991), sem conotação religiosa,

---

<sup>1</sup> Ataques suicidas são atos contra um adversário ou instalação com o propósito de causar o maior dano possível sem que haja a intenção de que o agressor sobreviva à sua execução (PAPE, 2003).

<sup>2</sup> A Judeia, que se localizava onde se encontra atualmente o Estado de Israel (Ver ANEXO A – FIG. 1), foi conquistada pelos Romanos no século I, vindo a compor esse vasto Império da antiguidade (FUNARI, 2002).

<sup>3</sup> O calendário cristão tem como marco o nascimento de Jesus Cristo (1-33). Dessa forma, a sigla a. C. significa que o evento ocorreu antes de Cristo e a d. C., depois de Cristo (FERNANDEZ-ARMESTO, 2010).

<sup>4</sup> Zelotes, que significa “aqueles que zelam por Deus”, constituíram um movimento político judeu do século I que buscava incitar a população da província Judeia contra a ocupação romana (STERN, 2003).

<sup>5</sup> As cruzadas foram movimentos militares cristãos com o intuito de ocupar e manter a Terra Santa sob domínio cristão. Essa região era localizada entre o rio Jordão e o mar Mediterrâneo, atualmente dividida entre o Estado de Israel e o Reino Hachemita da Jordânia, e recebeu essa denominação devido ao seu valor histórico para o cristianismo, o judaísmo e o islamismo (MAALOUF, 2001; WILLIAMS, 2007).

<sup>6</sup> A Ordem Islâmica dos Assassinos, também conhecida como *Ismailis-Nazari*, foi criada no século XI por *Hasan Sabbah* ( - 1124), o qual não possui o registro de seu nascimento, com o objetivo de difundir o islamismo. Esse grupo tinha um comportamento extremista, que associava o ataque suicida à demonstração de fé (LEWIS, 1967).

<sup>7</sup> Esses grupos acreditavam que o ataque suicida era uma fonte de legitimidade de sua causa e, por meio deles, logravam atrair mais simpatizantes para sua causa política (CRONIN, 2003).



empregavam ataques suicidas para destruir e aterrorizar seus inimigos. Um ponto divergente, portanto, entre esses dois casos é a presença de motivação religiosa. Dessa forma, é falho afirmar que o extremismo da fé seria o impulso fundamental para se empregar um ataque suicida.

Como evidência da atualidade desse tópico, destaca-se que entre os anos 1980 e 2003 ocorreram mais de 300 ataques suicidas<sup>8</sup>. Dentro desse período, na década de 1980, a retirada dos Estados Unidos da América (EUA) e do Estado de Israel da República do Líbano foram marcos da vitória de grupos insurgentes<sup>9</sup> sobre ocupações estrangeiras. No entanto, apesar de acadêmicos afirmarem a correlação positiva<sup>10</sup> entre a retirada dos EUA e os ataques suicidas sofridos, o egresso de Israel foi pouco explorado. Em razão disso, a proposta deste trabalho reside no preenchimento desse hiato da literatura que versa sobre o ataque suicida.

Em vista desse cenário, a corrente dissertação tem como propósito analisar a conjuntura da retirada de Israel do Líbano em 1985 e os ataques suicidas que ocorreram em território libanês no período de 1980 a 1986 para responder ao seguinte questionamento: qual seria a correlação entre o egresso das tropas de Israel do Líbano em 1985 e a estratégia do terrorismo suicida<sup>11</sup>? Esta delimitação temporal, de 1980 a 1986, permitirá o exame não só do período da invasão de Israel no Líbano, mas também do período que a antecedeu e do que a sucedeu, o que contribuirá para uma visão holística da questão apresentada.

Para alcançar o efeito estabelecido, este estudo será estruturado em seis capítulos. Na sequência desta introdução, será determinado o marco teórico, cujo cerne repousa na teoria da estratégia lógica do terrorismo suicida formulada por Robert Anthony Pape (1960 - ) em

---

<sup>8</sup> De acordo com Pape (2005), no mundo, foram conduzidos trezentos e quinze ataques suicidas entre 1980 e 2003.

<sup>9</sup> Os grupos insurgentes são aqueles que têm um propósito político e, para alcançá-lo, tentam degradar a legitimidade do governo local e pressioná-lo para que faça concessões de acordo com seus pleitos (PAPE, 2003).

<sup>10</sup> A correlação positiva é uma medida de força entre as variáveis consideradas, criando uma dependência entre elas. O fato de ser positiva significa que as variáveis aumentam ou diminuem juntas (WHEELAN, 2013).

<sup>11</sup> Terrorismo suicida e ataque suicida são considerados sinônimos neste estudo.

2003. Já no terceiro capítulo, será analisada a retirada das tropas israelenses do território libanês em 1985, após a invasão em 1982. Nessa parte, além de uma contextualização histórica, será explicitado o papel do Líbano, que foi involucrado em um conflito alheio a seus interesses, sem enfoque nos ataques realizados.

Logo após, no quarto capítulo, será observado o terrorismo suicida que decorreu em território libanês de 1980 a 1986. Sendo assim, o quinto capítulo abordará a correlação entre o marco teórico e o egresso israelense, com ênfase nos ataques suicidas ocorridos em território libanês. Por fim, no sexto capítulo, considerando as argumentações expostas nos capítulos anteriores, será apresentada a conclusão, que responderá à questão norteadora, o que ressaltará a aderência, ou não, da realidade à teoria.

Para balizar a estrutura mencionada, esta dissertação empregará uma metodologia orientada da forma que se segue. Primeiramente, o método de pesquisa será o dedutivo, que analisará um estudo de caso, o qual servirá de modelo referencial. Dessa forma, o conhecimento sobre a retirada de Israel do Líbano em 1985 será aprofundado, oferecendo subsídios para alcançar o propósito deste trabalho.

Em seguida, com o objetivo de aplicar o marco teórico que será descrito no capítulo dois, no terceiro capítulo, será utilizada uma abordagem qualitativa e quantitativa que valorará, respectivamente, os eventos históricos que conduziram a invasão e a posterior retirada de Israel do território libanês. Essa abordagem, ainda, levantará os dados coletados sobre os ataques suicidas no Líbano de 1980 até 1986, que estarão retratados no capítulo quatro. Dessa maneira, a confrontação dos capítulos três e quatro, que será externada no capítulo cinco, possibilitará um encadeamento lógico das argumentações que levará ao alcance do propósito desta pesquisa.

À vista disso, a relevância deste trabalho encontra-se na contemporaneidade e continuidade da ameaça do terrorismo suicida. Portanto, apesar de não haver condições para

generalizar uma possível correlação positiva do caso, serão incitados estudos futuros em outras conjunturas de ocupação estrangeira em territórios dominados por grupos insurgentes. Assim, uma contrainsurgência<sup>12</sup> terá melhores condições de determinar e analisar as possíveis estratégias insurgentes.

Isto posto, no próximo capítulo, será iniciado o desenvolvimento deste estudo com a apresentação do marco teórico que o embasará.

---

<sup>12</sup> Contrainsurgência é definida pelo manual FM 3-24: MCWP 3-33.5: *Insurgencies and Countering Insurgencies* (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2014) como as ações militares, paramilitares, políticas, econômicas, psicológicas e cívicas tomadas pelo governo a fim de derrotar uma insurgência.

## 2 A LÓGICA DO TERRORISMO SUICIDA

No intuito de fundamentar as análises e conclusões do presente estudo, neste capítulo, serão destacadas as apropriações de algumas descobertas da teoria da estratégia lógica do terrorismo suicida formulada por Robert Pape em 2003.

Nesse contexto, será enfatizado o emprego do terrorismo suicida por grupos insurgentes. Estes teriam como propósito principal coagir o governo, por meio do medo, forçando-o a realizar concessões políticas. Com essa estratégia, visa-se a retirada de tropas estrangeiras do território insurgente, o que seria exitoso, especialmente, contra governos democratas.

Em sua teoria, Pape (2003) adota uma visão Neorrealista<sup>13</sup>, sob a perspectiva dos grupos insurgentes. O autor, perante um enfoque sistêmico, racionaliza os custos e os benefícios de um governo democrata manter-se em um território sob o domínio de insurgentes. Dessa maneira, esta análise ocorre de forma estrutural, que investiga a percepção de poder das partes em conflito.

Para tanto, este capítulo será subdividido em quatro seções; sendo a primeira destinada aos conceitos e termos referentes ao terrorismo suicida; a segunda, ao enquadramento deste como parte de uma estratégia; a terceira será a respeito dos diferentes impactos sobre os regimes políticos democratas e autocratas; e, na quarta, será observada a motivação do emprego do suicídio por grupos insurgentes. Nessa última seção, será ressaltada a correlação positiva entre as concessões políticas e o terrorismo suicida.

Dessa maneira, na próxima seção, será apresentada a conceituação dos termos pertinentes a este estudo, abordados por relevantes estudiosos do assunto.

---

<sup>13</sup> Neorrealismo ou realismo estrutural é a teoria das relações internacionais que afirma que a percepção do poder em um sistema anárquico é o fator de maior importância nas relações internacionais (BAYLIS; SMITH; OWENS, 2014).

## 2.1 O terrorismo suicida

Em virtude da diversidade de conceitos que permeiam o assunto, nesta seção, alguns termos serão determinados para facilitar o entendimento da abordagem do estudo. Dessa forma, o primeiro conceito a ser definido é conflito, de modo a restringir seu amplo espectro, o que balizará seu emprego nesta análise. Adicionalmente, será apresentada uma sequência lógica com as definições de insurgência, da diferença entre insurgentes e terroristas e do terrorismo suicida. Esse encadeamento tem como propósito evidenciar o grau de relevância dessa tática para um grupo insurgente.

Inicialmente, julga-se oportuno definir o conceito de conflito. Para tal, será utilizada a interpretação fixada por Julien Freund (1921-1993), conforme citado abaixo:

*El conflicto consiste en un enfrentamiento por choque intencionado, entre dos seres o grupos de la misma especie que manifiestan, los unos respecto a los otros, una intención hostil, en general a propósito de un derecho, y que para mantener, afirmar o reestablecer, tratan de romper la resistencia del otro eventualmente por el recurso a la violencia, la que puede, llegado el caso, tender al aniquilamiento físico del otro (FREUND, 1995).<sup>14</sup>*

Assim, para este estudo, considera-se como antagonistas um grupo insurgente e uma contrainsurgência em território sob o domínio desse grupo. Ambos, de maneira intencional, entram em disputa em torno de um direito, o de manter, conquistar ou restabelecer a jurisdição territorial.

Além disso, a insurgência é um conflito político-militar com o propósito de enfraquecer o controle e a legitimidade de um governo estabelecido (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2014), a qual pode lançar o uso da violência para alcançar seus objetivos políticos. Desse modo, é possível afirmar que os objetivos dos grupos insurgentes são de caráter político, e parte desses grupos empregam o terrorismo como tática para impelir o

---

<sup>14</sup> O conflito consiste em um enfrentamento por choque intencional, entre dois seres ou grupos da mesma espécie que manifestam, uns sobre os outros, uma intenção hostil, geralmente a propósito de um direito, e que para mantê-lo, afirmá-lo ou restabelecê-lo, tratam de romper a resistência do outro eventualmente por meio da violência, o que pode, dependendo do caso, tender ao aniquilamento físico do outro (FREUND, 1995, tradução nossa).

governo a conceber concessões. Logo, para os insurgentes, a violência é um meio para se alcançar um fim, e não um fim nele mesmo, como é para os terroristas. Estes são indivíduos psicologicamente ou moralmente questionáveis, enquanto aqueles são vistos como representantes dos transtornos mais enraizados de uma comunidade (KILCULLEN, 2010).

Conforme exposto, compreende-se que grupos insurgentes, motivados por um profundo descontentamento com o governo em questão, podem valer-se ou não de algumas táticas terroristas para alcançar suas metas. Dentro dessas táticas, os grupos insurgentes que não são fortes o suficiente para alcançar seus objetivos por meio da guerrilha<sup>15</sup> aplicam como último recurso o terrorismo suicida (PAPE, 2003).

Desse modo, terrorismo suicida é entendido como qualquer situação em que o atacante não tenha nenhuma expectativa de sobreviver à investida. Essa tática terrorista é considerada a mais agressiva de todas. Ainda que exista a chance de perder o apoio local, devido à possibilidade de impactar a população, a insurgência busca a coerção<sup>16</sup> por meio do homicídio do máximo de elementos, seja da população ou da contrainsurgência. Sendo assim, quanto maior o dano causado, maior é a capacidade de coerção do grupo insurgente (PAPE, 2003).

A seguir, será apresentada uma síntese dos aspectos atinentes ao enquadramento da tática, terrorismo suicida, em uma estratégia insurgente.

## 2.2 A estratégia do terrorismo suicida

Nas próximas seções deste capítulo, será abordada uma parcela da obra *Estratégia Lógica do Terrorismo Suicida* de Robert Pape (2003), arcabouço teórico de principal interesse

---

<sup>15</sup> Guerrilha é um tipo de guerra não convencional, na qual seu principal estratagema é a ocultação e a extrema mobilidade dos seus combatentes (PAPE, 2005).

<sup>16</sup> Para este estudo, coerção é o conjunto de atos da insurgência que pressionam o Estado a realizar concessões de acordo com seus objetivos políticos.

para este estudo.

De acordo com Pape, o ato do suicídio pode ser classificado de três formas. A primeira e mais comum delas é a de que o indivíduo decide terminar com sua existência motivado por sofrimento ou dor intensa. A segunda é a fatalista<sup>17</sup>, na qual um sujeito sofre uma lavagem cerebral, que inibe sua capacidade de raciocinar por conta própria, tornando-o vulnerável a seguir um rumo contra seus interesses. Por último, consta o suicídio altruísta, no qual a pessoa sacrifica a sua vida por acreditar em um propósito maior para seu ato. A título de exemplo, um soldado que salta sobre uma granada para salvar seus companheiros é considerado um suicida altruísta. Nesse caso, esse combatente comete o ato por representar um bem maior, que é proteger seus irmãos de arma.

Para o autor, o terrorismo suicida é altruísta. Primeiramente, por comprovar que os suicidas não são excluídos socialmente ou criminalmente perturbados, mas sim, em sua maioria, psicologicamente normais, bem instruídos e profundamente integrados em suas comunidades. Em segundo lugar, esses indivíduos sacrificam suas vidas por acreditar que esse evento conduzirá o seu país para um bem maior (PAPE, 2003).

Nesse contexto, o terrorismo suicida é uma resposta a uma ocupação militar estrangeira de um território, que, sob o ponto de vista insurgente, é o seu lar. Outrossim, essa tática se enquadra em uma estratégia para a libertação nacional. O cerne do terrorismo suicida é conquistar os objetivos políticos do grupo insurgente por meio de uma estratégia coercitiva (PAPE, 2003).

Em uma análise estrutural, os Estados mais fortes coagem os mais fracos recorrendo à punição ou à negação. A estratégia coercitiva por punição busca coagir o adversário a desistir da disputa por meio do aumento dos custos ou dos riscos envolvidos para a sociedade alvo, a um nível que supere o valor dos interesses em disputa. Por outro lado, a

---

<sup>17</sup> De acordo com Pape (2003), o suicídio fatalista é comum em cultos religiosos.

por negação almeja demonstrar para o oponente que ele simplesmente não pode vencer a contestação, sendo, desse modo, ilógico continuá-la (PAPE, 2003).

A estratégia de coerção empregada por insurgentes ocorre em condições estruturais inversas. Em outros termos, o grupo insurgente é o ator coercitivo, mesmo sendo o lado mais fraco em termos militares, o que torna a estratégia por negação impraticável. À vista disso, a estratégia por punição é a única opção de um grupo insurgente (PAPE, 2003).

Desse modo, o terrorismo suicida contribui para a estratégia de coerção por punição do grupo insurgente infligindo altas perdas para os opositores. A finalidade dessas perdas é de sobrepujar a resistência às demandas insurgentes. Consequentemente, as concessões podem ocorrer de forma direta, de forma espontânea do governo ou, indiretamente, por revolta da população pressionando este. Caso a coerção ocorra de forma indireta, evidencia-se uma variável intermediária entre o emprego do terrorismo suicida e as concessões governamentais, que é a opinião pública (PAPE, 2003).

Na seção seguinte, será realizada uma síntese dos diferentes impactos da estratégia exposta acima em uma democracia<sup>18</sup> e em uma autocracia<sup>19</sup>.

### 2.3 Democracias e autocracias

Em concordância com Pape (2003), o terrorismo suicida é mais provável de ser empregado contra Estados Democráticos de Direito<sup>20</sup> do que em regimes autoritários por três razões. Primeiramente, democracias são consideradas mais brandas do que regimes autoritários, pois suas populações têm baixa tolerância quanto aos custos despendidos e possuem uma alta habilidade de influenciar nas políticas estatais.

---

<sup>18</sup> Democracia é o governo em que o povo exerce a soberania (MESQUITA; SMITH, 2011).

<sup>19</sup> Autocracia é o regime em que o governante detém poder ilimitado e absoluto (MESQUITA; SMITH, 2011).

<sup>20</sup> Estado democrático de direito é aquele Estado onde a soberania popular é fundamental para a escolha de seus representantes que, consequentemente, defenderão os direitos do povo (BOBBIO, 1998).



Em consonância com esse entendimento, para um governante manter seu assento em uma democracia, ele deve prover boas políticas<sup>21</sup> ao seu eleitorado e, por essa razão, a população em uma democracia tem voz ativa. Por outro lado, em uma autocracia, os governantes se mantêm no poder enquanto controlarem uma pequena parcela da população, a colisão vencedora<sup>22</sup>, por meio da divisão do poder e de recursos financeiros. Adicionalmente, em uma democracia, a imprensa livre, o direito de se expressar e a liberdade de se reunir garantem que a população proteste contra atos do governo considerados impróprios por ela. Em uma autocracia, a população não possui tais direitos e pode ser severamente punida se os praticar (MESQUITA; SMITH, 2011).

Em segundo lugar, o terrorismo suicida é a tática do mais fraco, o que significa que, independentemente de quantos danos possa infligir, o Estado alvo quase sempre tem a capacidade de responder com extrema violência, incluindo a destruição de parte da insurgência, caso ela se exponha. Entretanto, desde a Segunda Guerra Mundial (SGM)<sup>23</sup> (1939-1945), democracias têm imposto limites no uso da força, especialmente contra civis (PAPE, 2003).

Por fim, ataques suicidas são mais difíceis de organizar ou de se tornarem públicos em um ambiente controlado e restringido por um governo autoritário (PAPE, 2003).

Na próxima seção, será feita uma síntese dos fundamentos considerados pelos insurgentes em seu processo decisório para a utilização do terrorismo suicida.

---

<sup>21</sup> Para Mesquita e Smith (2011), boas políticas são aquelas que atendem às necessidades da sociedade que votou em seus líderes com a expectativa de que fossem sanadas, tais como saneamento básico e segurança.

<sup>22</sup> A colisão vencedora é uma pequena porção da sociedade que detém a capacidade de influenciar e controlar esta como um todo (MESQUITA; SMITH, 2011).

<sup>23</sup> A SGM foi uma disputa entre potências do Eixo, República Federal da Alemanha, República Italiana e Japão, e o bloco dos Aliados, EUA, ex-URSS, Reino Unido e República Francesa. Ambos os lados dedicaram toda sua capacidade a serviço dos esforços de guerra, deixando de lado a distinção entre recursos civis e militares (SEGUNDA..., 2021).

## 2.4 A motivação do emprego do terrorismo suicida

O emprego do terrorismo suicida cria um paradoxo a ser equacionado pelos insurgentes. Como visto em seções anteriores, devido ao alto custo infligido pela estratégia coercitiva por punição, a população local tende a pressionar o governo para que conceda benefícios políticos em proveito dos grupos insurgentes. Contudo, o uso excessivo da violência pode incitar a população a se voltar contra os insurgentes, mesmo que eles defendam os mais profundos descontentamentos da sociedade local, o que afetaria o alcance de seus objetivos. Melhor dizendo, há um ponto de equilíbrio entre o uso do terrorismo suicida e as concessões políticas concedidas (PAPE, 2003).

Mediante o exposto, inicialmente, cria-se uma ideia dúbia dos motivos do grupo insurgente ao empenhar uma tática que poderia corroer a concepção de estar contribuindo para um bem maior de seu país e, conseqüentemente, as crenças de seus membros. Pape defende que a razão do terrorismo suicida ser frequentemente utilizado é por efeito de sua eficiência<sup>24</sup> em alcançar as mudanças políticas desejadas. Corroborando essa ideia, há um processo de aprendizado no qual as insurgências atuais assimilam os sucessos e falhas dos grupos de outrora. Por conseguinte, as táticas que vêm se mostrando eficientes são replicadas em outras causas pelo globo (PAPE, 2003).

De forma a fundamentar seus argumentos, o autor analisou 13 campanhas terroristas na moldura temporal de 1980 até 2003. Dentre elas, sete contribuíram nos logros de significativas mudanças políticas realizadas pelo Estado alvo em consonância com os objetivos insurgentes. Como resultado dessa análise, Pape (2003) identifica três condições que torna o terrorismo suicida mais eficiente em uma estratégia por punição.

A primeira condição é que os suicidas permanecem em contato direto com o

---

<sup>24</sup> Nesse caso, a eficiência está relacionada com alcançar as concessões políticas despendendo menores recursos.

elemento destrutivo e não necessitam de plano de fuga. Dessa forma, eles podem realizar ajustes no último instante e conseguir adentrar lugares altamente protegidos (PAPE, 2003).

A segunda é que o suicídio demonstra que os grupos insurgentes estão dispostos a pagar um alto preço para alcançarem seus objetivos. A arte do martírio<sup>25</sup> orquestra uma expectativa de que futuros ataques irão ocorrer. Essa arte atrai o apoio popular local, reduzindo o paradoxo mencionado no início desta seção. Como resultado, estabelece-se uma base confiável na continuidade dos ataques até que os objetivos sejam alcançados (PAPE, 2003).

A terceira e última condição consiste em não respeitar limites considerados por tropas regulares. Dessa forma, os grupos insurgentes tentam legitimar alvos antes protegidos e atuam sem respeitar as fronteiras, causando, assim, uma escalada dos custos a serem empregados pela contrainsurgência (PAPE, 2003).

A partir dessa breve descrição da relação entre o terrorismo suicida e a retirada de uma tropa estrangeira de um território, que sob o ponto de vista insurgente é o seu lar, conclui-se que ante a algumas condições existe uma correlação entre tais variáveis. Portanto, é necessário um profundo conhecimento dos ataques suicidas realizados pela insurgência e aliados, bem como do regime de governo do Estado intervencionista.

À vista disso, no capítulo seguinte, será descrito como se desenvolveu a retirada das forças Israelenses do Líbano em 1985, precedida pela respectiva contextualização histórica.

---

<sup>25</sup> Os grupos insurgentes se utilizam da arte do martírio para cultivar que os suicidas são ícones que sacrificaram suas vidas em prol da libertação nacional. Sendo assim, os familiares do suicida são recompensados e amparados não somente pelo grupo insurgente em questão, mas também por seus apoiadores (PAPE, 2003).

### 3 A RETIRADA DE ISRAEL DO LÍBANO EM 1985

A seguir à definição do marco teórico estabelecido no capítulo anterior, será analisada a retirada das tropas de Israel do Líbano em 1985, após invadi-lo em 1982. Para tal fim, será examinado o envolvimento de três atores diretamente relacionados ao tema: Israel, de etnia judaica; Palestina<sup>26</sup>, de etnia árabe; e Líbano<sup>27</sup>, governado por cristãos. Além disso, as entidades por meio das quais estes atores atuavam serão ressaltadas.

O Líbano, devido à sua baixa governança, tornou-se refúgio de grupos com interesses alheios ao país. A título de exemplo, em 1980, nos meses que precederam a Guerra Irã-Iraque (1980-1988), cerca de 200 pessoas foram mortas em hostilidades entre grupos defensores dos ideais desses países no Líbano (LAFFIN, 1985).

Entretanto, este estudo se restringirá ao embate entre israelenses e os agentes que criaram resistência à sua invasão no Líbano. Apesar disso, julga-se necessário mencionar que se considera os atores externos EUA, República Francesa, República Italiana e Organização das Nações Unidas (ONU) nesta análise por seus atos terem influenciado a dinâmica dos acontecimentos.

Consequentemente, este capítulo será fracionado em quatro seções. Na primeira, será apresentada a conjuntura histórica do dilema existencial entre os israelenses e palestinos; na segunda, a inserção do Líbano nesse dilema, que incluiu a análise de sua utilização como uma base terrorista contra Israel; na terceira, a invasão israelense no Líbano em 1982; e, por último, com grande relevância para este estudo, a retirada de Israel em 1985.

---

<sup>26</sup> A Palestina é reconhecida como Estado por 138 membros da Organização das Nações Unidas (ONU), incluindo o Brasil, e tem o status nessa organização de Estado não membro observador (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2012). Contudo, são utilizadas distintas definições para a Palestina neste estudo. Em uma primeira designação, a Palestina otomana refere-se ao período desde o século XVI até o final da Primeira Guerra Mundial (PGM) (1914-1918), no qual ficou sob domínio do Império Otomano (Ver ANEXO B (FIG. 2)). Com a dissolução desse Império como resultado da PGM, a Palestina ficou sob mandato britânico, por meio do acordo *Sykes-Picot* de 1916 (Ver ANEXO C (FIG. 3)), sendo aqui denominada como Palestina britânica até a independência de Israel em 1948. A partir desse fato, os palestinos se refugiaram em países limítrofes, sendo a atual situação da Palestina como um Estado pela lei e não de fato, sendo assim intitulada como Palestina (RA'AD, 2019).

<sup>27</sup> Ver ANEXO D (FIG. 4)

### 3.1 O dilema existencial

O Estado de Israel e a Palestina têm protagonizado uma disputa secular, cujo ponto focal tem sido a legitimação do controle territorial de onde atualmente situa-se Israel (RA'AD, 2019). Ante o exposto, pretende-se, nesta seção, identificar os fatos históricos mais relevantes dessa interação. Dessa forma, na seção seguinte, serão ressaltados os acontecimentos da disputa supracitada que refletiram na transformação do Líbano em um palco de confrontações entre israelenses e palestinos.

Desde o final do século XIX, os judeus<sup>28</sup> tinham a esperança de reestabelecer uma pátria para seu povo, que se encontrava disperso pelo mundo a datar da Primeira Diáspora Judaica (586 a. C.). Esse movimento, denominado sionismo<sup>29</sup>, idealizava a retomada do território de onde foram expulsos. Contudo, nesse período, esse território era onde estava estabelecida a Palestina otomana (MAGNOLI, 2006).

Com o transcurso do tempo, surgiram apoiadores e circunstâncias catalizadoras do fortalecimento do ideal sionista de transformar a Palestina otomana no novo lar dos judeus dispersos, principalmente na Europa. Dentre eles, salienta-se a significativa contribuição de Arthur James Balfour (1848-1930), que, como Secretário de Estado para os assuntos estrangeiros do Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte entre os anos de 1916 e 1919, anunciou, em 1917, um plano de assentamento do povo judaico na Palestina otomana. Esse plano tornou-se conhecido como Declaração Balfour (MAGNOLI, 2006).

Adicionalmente, dois episódios da história mundial estimularam a celeridade da emigração judaica para a Palestina britânica. O primeiro foi a crise de 1929 com a consequente quebra da bolsa de valores de Nova Iorque no mesmo ano. Esse fato levou as

---

<sup>28</sup> Os judeus seguem os ensinamentos da Torá, que é “um sistema de teologia moral e lei comunitária de extraordinária coerência, consistência lógica e força moral” (JOHNSON, 1989).

<sup>29</sup> O sionismo foi evocado pela primeira vez pelo jornalista judeu austro-húngaro Theodor Herzl (1860-1904) em 1896 (MAGNOLI, 2006).

organizações sionistas a intensificarem a emigração de judeus da Europa Oriental e Central, e o Fundo Nacional Judaico<sup>30</sup> a acelerar a compra de terras para seu povo. O segundo episódio foi o Holocausto<sup>31</sup> judaico durante a SGM, o que acelerou ainda mais a emigração de judeus para a Palestina, mormente aqueles oriundos da Europa Central e Oriental (MAGNOLI, 2006).

Após a SGM, em 1946, apesar de vencedor, o Reino Unido encontrava-se totalmente desgastado. Por conseguinte, esse Estado retirou suas tropas em 1948 da Palestina britânica e Israel proclamou independência no mesmo ano, apesar de uma frustrada tentativa da ONU em estabelecer dois Estados independentes<sup>32</sup> em 1947, um árabe e outro judaico (MAGNOLI, 2006).

Como resultado da independência de Israel, 700 mil palestinos refugiados, expulsos de seus lares, deslocaram-se para os países limítrofes (FIG. 4). Na Palestina britânica, mesmo depois do fluxo de imigrantes após a SGM, encontrava-se apenas um judeu para cada três muçulmanos. Em 1956, apenas um em cada nove habitantes de Israel era árabe<sup>33</sup> (MAGNOLI, 2006).

A seguir, em 1964, a Liga de Estados Árabes<sup>34</sup> declarou, na Conferência do Cairo, que seu objetivo final era a destruição de Israel. Nessa conferência, também foi criada a Organização para a Libertação da Palestina<sup>35</sup> (OLP) (MAGNOLI, 2006).

À vista disso, a disputa entre os judeus israelenses e os palestinos, estes apoiados pelos países árabes, converteu-se em um dilema existencial, no qual ambos os contendores

---

<sup>30</sup> O Fundo Nacional Judaico era uma organização sem fins lucrativos, fundada em 1901, com o propósito de comprar e desenvolver terras na Palestina otomana para o assentamento judaico (MAGNOLI, 2006).

<sup>31</sup> O Holocausto foi o extermínio em massa de cerca de seis milhões de judeus nos campos de concentração durante a SGM (HOLOCAUSTO, c2021).

<sup>32</sup> Ver ANEXO E (FIG. 5)

<sup>33</sup> Ver ANEXO F (FIG. 6)

<sup>34</sup> A Liga de Estados Árabes é uma organização de Estados árabes, da qual o Estado da Palestina faz parte, com o objetivo de estreitar os laços econômicos, sociais, políticos e culturais entre membros, bem como de mediar disputas entre eles, caso haja (<http://www.lasportal.org/>).

<sup>35</sup> A OLP é uma organização política que clama representar todos os palestinos espalhados pelo mundo. Essa organização centraliza a liderança de vários grupos palestinos que outrora operavam como movimentos de resistência clandestinos (LAFFIN, 1985) (Ver ANEXO G (FIG. 7)).

focavam na destruição de seu oponente.

Na próxima seção, será abordada a significância do Líbano como um hospedeiro para os refugiados palestinos e uma base de operações deles contra Israel.

### 3.2 A razão do Líbano

À medida que se entende o dilema existencial entre Israel e Palestina, torna-se relevante a compreensão da função contextual do Líbano<sup>36</sup>. Desse modo, nesta seção, serão explorados esse Estado e o correspondente interesse de Israel.

A OLP, logo após a sua criação em 1964, começou a instalar bases em território libanês a datar de 1968. O governo local, em consonância com os demais países árabes, concordou em permitir que essa organização atuasse em uma área definida ao sul do Líbano, uma região fronteira com Israel (LAFFIN, 1985).

Diante do exposto, o presidente egípcio, Gamal Abdel Nasser (1918-1970), coagiu o governo libanês a assinar um acordo em 1969, que garantiu direitos extraterritoriais à OLP dentro dos campos de refugiados palestinos. Desse modo, a organização tinha a liberdade de conduzir operações terroristas contra Israel a partir do território libanês (LAFFIN, 1985).

Com o crescimento da presença armada da OLP em vilas e cidades libanesas, o assédio à população cresceu. O governo local tentou limitar as atividades da organização, entretanto, o resultado foi somente o aumento da violência e baixas no seu exército. Suplementarmente, para infortúnio do governo local, a República Árabe Síria enviou unidades próprias do grupo terrorista *al-Saika*<sup>37</sup> para o Líbano, diminuindo ainda mais a área de

---

<sup>36</sup> Ver ANEXO H (FIG. 8)

<sup>37</sup> *Al-Saika*, também denominada como Vanguarda para a Guerra da Libertação Popular – Forças Leves, era uma força representativa da Síria em apoio à Palestina, atuando principalmente a partir dos campos de refugiados palestinos (LAFFIN, 1985).

influência do governo libanês. Como consequência, formou-se um Estado dentro de outro Estado (LAFFIN, 1985).

Diante disso, em 14 de outubro de 1976, em forma de protesto perante a ONU, o representante permanente do Líbano junto a essa organização, o senhor Edouard Ghorra (1913 - ), realizou um discurso do qual parte encontra-se abaixo:

*[...] transformed most - if not all - of the refugee camps into military bastions around our major cities... Moreover, common-law criminals fleeing from Lebanese justice found shelter and protection in the camps... Palestinian elements belonging to various splinter organizations resorted to kidnapping Lebanese, and sometimes foreigners; holding them prisoners, questioning them, and even sometimes killing them... They committed all sorts of crimes in Lebanon, and also escaped Lebanese justice in the protection of the camps. They smuggled goods into Lebanon, and openly sold them on our streets. They went so far as to demand protection money from many individuals and owners of buildings and factories situated in the vicinity of their camp (LAFFIN, 1985).<sup>38</sup>*

Com tal pronunciamento, Ghorra externou para todos membros da ONU a falta de governança no Líbano. Entretanto, a ameaça não era somente interna. À medida que a OLP avançava seu domínio do território libanês, a percepção de insegurança dos cidadãos israelenses aumentava, em especial das cidades fronteiriças com aquele território (FIG. 4). Desse modo, o governo de Israel reconheceu a necessidade de agir (LAFFIN, 1985).

Por conseguinte, dois anos após essa declaração na ONU, foi estabelecida a *United Nation Interim Force in Lebanon*<sup>39</sup> (UNIFIL) com o propósito de estabelecer um cessar fogo entre Israel e os palestinos no Líbano<sup>40</sup>. Entretanto, essa missão de paz se mostrou ineficaz em evitar os ataques a Israel a partir do Líbano na década de 1980, inclusive os que passavam por áreas sob controle da UNIFIL, e as constantes incursões israelenses na região fronteiriça (O'BALLANCE, 1998).

<sup>38</sup> [...] transformou-se – em sua maior parte – os campos de refugiados em fortes militares em torno de nossas maiores cidades... Além disso, criminais da lei comum fogem da justiça libanesa achando abrigo e proteção nesses campos... Elementos palestinos pertencentes a organizações diversas praticam o sequestro de libaneses e, algumas vezes, de estrangeiros; mantendo-os como prisioneiros, interrogando-os e, algumas vezes, matando-os... Eles cometem todo tipo de crimes no Líbano, e ainda fogem da justiça libanesa sob a proteção dos campos. Eles contrabandeiam mercadorias para dentro do Líbano, e, abertamente, vendem-nas em nossas ruas. Eles chegaram ao ponto de solicitar dinheiro para proteger indivíduos e donos de prédios e indústrias situados perto de seus campos (LAFFIN, 1985, tradução nossa).

<sup>39</sup> Força Interina das Nações Unidas no Líbano (tradução nossa).

<sup>40</sup> Ver ANEXO I (FIG. 9)



Assim sendo, o primeiro ministro de Israel, Menachen Begin (1913-1992), enfrentou uma dura decisão: atacar ou não a OLP em território libanês. As perdas previstas eram altas, as unidades daquela organização eram bem armadas, bem posicionadas em um bom sistema defensivo e determinadas a lutar. Outrossim, um dano colateral em alguma pequena cidade do norte de Israel produziria um impacto traumático em toda a sociedade israelense (LAFFIN, 1985).

Adicionalmente, a campanha seria desenvolvida em uma faixa com uma alta densidade populacional no Líbano e dentro de alguns campos de refugiados palestinos, em ambos os locais residiam civis alheios à disputa. Em vista disso, deveria ser dada a chance de os civis fugirem antes do início dos enfrentamentos. Contudo, cada minuto de espera era uma oportunidade para os combatentes da OLP melhorarem suas defesas. A tempestividade do ataque era primordial para o sucesso de Israel (LAFFIN, 1985).

Logo, ao final desta seção, compreende-se que o território libanês estava sendo utilizado, principalmente, pelos membros da OLP como uma base de onde, por meio de atos terroristas, ameaçavam nacionais israelenses em suas cidades lindeiras com o Líbano. Assim, o governo de Israel teria que agir e o fez.

Com isso, na próxima seção, a invasão propriamente dita será abordada de forma a identificar a motivação da sua retirada em 1985, que será o objeto de estudo da última seção deste capítulo.

### 3.3 A invasão de Israel no Líbano

De forma a resguardar a sua população nas cercanias da fronteira com o Líbano, no dia seis de junho de 1982, Israel lançou a Operação Paz em Galileia. Em consonância com o teor apresentado na seção anterior, essa operação teve como propósito eliminar a ameaça da

OLP e outros focos de guerrilha palestinos e sírios a partir de sua fronteira com o Líbano interiorizando-se 45 quilômetros. Dessa forma, os assentamentos israelenses na região limítrofe ficariam protegidos dos fogos palestinos. Apesar dessa delimitação inicial, o avanço das tropas israelenses somente parou no dia 11 de junho ao encontrar tropas da OLP fortemente entrincheiradas no lado sul de Beirute<sup>41</sup>. No dia 18, retomando o avanço, carros de combate israelenses alcançaram a *Green Line*<sup>42</sup>, iniciando o cerco da capital do Líbano que privou a população de eletricidade, água e suprimentos médicos (O'BALLANCE, 1998).

Nesse ínterim, panfletos caíam do céu em Beirute incentivando a saída de todos os civis da região e que os palestinos abaixassem suas armas. Na ONU, a França propôs uma resolução para a retirada de todas tropas palestinas e israelenses do Líbano, conquanto essa proposta tenha sido vetada pelos EUA. Como consequência direta, o Secretário de Estado dos EUA Alexander Meigs Haig Junior (1924-2010), pró-Israel, foi substituído por George Pratt Shultz (1920-2021), o qual defendia o fortalecimento do laço entre estadunidenses e os países árabes (O'BALLANCE, 1998).

Dessa forma, os EUA começaram a trabalhar em um plano de evacuação de todas as tropas estrangeiras em território libanês, o qual foi aceito por Síria, Líbano e OLP, mas refutado por Israel. O cerne da questão para a aceitação israelense era a total retirada das unidades sírias e da OLP do Líbano e não somente de Beirute. Para tal, os EUA lideraram a *Multinational Force* (MNF)<sup>43</sup> (O'BALLANCE, 1998).

Enfim, após a saída da OLP de Beirute no final de 1982, as forças de Israel expandiram sua ocupação pelo território libanês. Contudo, acrescentaram em suas condicionantes de retirada que o exército libanês estivesse pronto para substituí-los, o que

---

<sup>41</sup> A cidade de Beirute é capital do Líbano (FIG. 8).

<sup>42</sup> Demarcação em Beirute a qual separava os principais grupos muçumanos a oeste a os cristãos a leste (O'BALLANCE, 1998).

<sup>43</sup> A Força Multinacional era uma **força de paz** para auxiliar a retirada dos grupos insurgentes muçumanos do Líbano, com o auxílio de destacamentos da França e Itália que iniciaram suas atividades em vinte de setembro de 1982 (O'BALLANCE, 1998, tradução nossa, grifo nosso).

manteria a ordem no país. O cumprimento dessa exigência foi iniciado com a retomada do controle do exército libanês na porção oeste de Beirute, antes controlada por grupos mulçumanos, com a assistência das forças israelenses. Todavia, não houve a preocupação de desarmar as milícias cristãs, e as tropas israelenses deixaram de enviar panfletos para alertar a população sobre um possível ataque e passaram a realizar reconhecimentos pelo fogo<sup>44</sup> (O'BALLANCE, 1998).

Com o decorrer do tempo e em vista dos acontecimentos identificados nesta seção, o presidente libanês de 1982 até 1988, Amine Pierre Gemayel (1942 - ), que, inicialmente, era a favor da presença da MNF e favorável a um tratado de paz com Israel, mudou seu posicionamento drasticamente no início de 1983. Durante os meses de fevereiro e março desse ano, a MNF se tornou foco de uma série de ataques e, em rádio nacional, Gemayel referiu-se aos israelenses como invasores estrangeiros (O'BALLANCE, 1998).

Posteriormente, em 18 de abril do mesmo ano, um veículo carregado de explosivos colidiu no muro da embaixada dos EUA em Beirute. Esse foi o marco do início da saga dos ataques suicidas no Líbano. Durante todo o ano de 1983, a MNF foi o principal alvo desses ataques. Como resposta, os fuzileiros navais estadunidenses foram reembarcados em navios perto da costa para reduzir sua vulnerabilidade em terra. Adicionalmente, bombardeios aéreos e fogo naval foram executados no Líbano como resposta a esses ataques suicidas. Tal prática provocou o congresso estadunidense a condenar esse uso excessivo de força em uma missão de paz (O'BALLANCE, 1998).

Na atual seção, percebe-se que, sob o ponto de vista israelense, o propósito de proteger seus nacionais só seria alcançado com a retirada total das ameaças da OLP e sírias do Líbano e com um exército libanês em condições de manter a ordem local. Sendo assim, somente quando alcançasse essa conjuntura, Israel retiraria suas tropas. Entretanto, esse

---

<sup>44</sup> O reconhecimento pelo fogo para Israel consistia em realizar fogos indiscriminadamente em posições inimigas suspeitas (O'BALLANCE, 1998).

contexto não foi alcançado nem mesmo com o suporte da MNF.

Adicionalmente, a eclosão de ataques suicidas contra as tropas da MNF ocasionou uma escalada do uso da força por parte dela. Por conseguinte, ocorreu desaprovação desse uso, bem como uma retirada de tropas de terra para o mar, o que evitaria as baixas causadas pelos ataques.

Na seção subsequente, será observado como se sucedeu a retirada de Israel do Líbano e se foram atingidas todas as condições israelenses para isso.

### 3.4 A retirada de Israel do Líbano

Até este capítulo, constatou-se a complexidade para o entendimento do evento de retirada das tropas israelenses do Líbano em 1985. No entanto, ela se tornou compreensível a partir das elucidações providas pelas seções anteriores. Assim, nesta seção, desenvolve-se sobre a retirada de fato.

Como um prelúdio para a retirada de Israel em 1985, em sete de fevereiro de 1984, o presidente estadunidense Ronald Wilson Reagan (1911-2004) anunciou o reposicionamento do contingente de seu país para outras regiões, fato seguido pelas tropas francesas e italianas. Ao final do mês de março, as tropas da MNF já tinham deixado suas posições no Líbano, as quais foram prontamente ocupadas por grupos da OLP. Como repercussão do súbito egresso, na República Islâmica do Irã, o Aiatolá<sup>45</sup> Ruhollah Musavi Khomeini (1902-1989) afirmou acertadamente que os ataques suicidas tinham conduzido os estadunidenses para fora do Líbano (O'BALLANCE, 1998; PAPE, 2003).

Em seguida à saída da MNF, as tropas israelenses que ocupavam o sul do Líbano passaram a ser continuamente atacadas por grupos de resistência. Em reposta, israelenses

---

<sup>45</sup> Aiatolá ou aiatola é considerado, sob as leis do Islamismo xiita, o mais alto dignitário na hierarquia religiosa (AIATOLÁ, c2021).

isolaram cidades libanesas e lançaram bombardeios aéreos sobre alvos suspeitos, o que ocasionou baixas civis (O'BALLANCE, 1998).

Por isso, no início de 1985, Israel ainda não havia logrado neutralizar ou expulsar as ameaças e o governo libanês pressionava a sua retirada. Dessa maneira, uma operação de retirada em três estágios foi planejada. Enquanto isso, nos primeiros sete dias de janeiro de 1985, as tropas israelenses sofreram 28 ataques e os seus colaboradores locais simplesmente desapareceram. Apesar desses fatos, a ferocidade da resposta de Israel só aumentava, o que causou a morte de vários trabalhadores rurais libaneses. Nesse ponto do conflito, o interesse israelense era se concentrar em revidar os ataques sofridos e manter seus níveis de perdas o mais baixo possível (O'BALLANCE, 1998).

Fruto dessa mudança de propósito, durante o primeiro estágio de sua retirada, Israel empregou a política *iron fist*<sup>46</sup>. Essa política consistia em ações com altos índices de danos materiais e humanos. Como exemplos, tem-se tratores que foram usados para destruir carros e construções em várias vilas, onde toques de recolher foram impostos, um grande número de aldeões foi detido e a mídia teve sua cobertura restringida por escoltas militares. Como medida de defesa contra o volumoso caso de ataques suicidas<sup>47</sup> sofridos, foi proibido conduzir carro desacompanhado (O'BALLANCE, 1998).

Logo após, no segundo estágio da retirada, as forças israelenses passaram a abandonar suas posições e a destruir não somente elas, mas também as da OLP que encontravam. Desse modo, as forças de Israel passaram a empregar armas de longo alcance para evitar o engajamento. Apesar das restrições impostas ao jornalismo desde o primeiro estágio, alguns repórteres lograram tornar público as atrocidades israelenses, o que teve uma rápida desaprovação internacional (O'BALLANCE, 1998).

Enfim, durante o terceiro estágio, foi prevista uma zona de segurança de até oito

---

<sup>46</sup> Punho de ferro (tradução nossa).

<sup>47</sup> Os ataques suicidas quando conduzidos por carros bombas possuíam somente um ocupante (O'BALLANCE, 1998).

quilômetros a ser assegurada pelo exército libanês do sul a partir da fronteira Israel-Líbano. Nessa faixa, foi construída uma nova linha defensiva, que possuía um profundo fosso antitanque como defesa contra ataques suicidas. Com o decorrer da concretização da retirada das forças de Israel, o número de ataques hostis contra elas reduziu drasticamente (O'BALLANCE, 1998).

Ao final deste capítulo, encontra-se uma vaga ideia de uma correlação para a retirada de Israel do Líbano em 1985. Torna-se enigmática a motivação israelense que induziu suas tropas a abandonarem o seu propósito inicial de expulsar todas as ameaças da OLP e sírias por puro revanchismo dos ataques sofridos e autoproteção. Além disso, destaca-se como esses contra-ataques foram desencadeados sem pesar as perdas materiais e humanas, bem como a restrição da liberdade de imprensa. Sendo assim, se a preocupação latente com os ataques suicidas nos estágios de sua retirada foi fator de significância nessa questão, é o que se busca analisar nos próximos capítulos.

## 4 OS ATAQUES SUICIDAS EM TERRITÓRIO LIBANÊS

Antes de confrontar a teoria de Pape (2003) com a retirada das tropas israelenses do Líbano em 1985, descrita no capítulo anterior, será feita uma análise sobre os ataques suicidas que ocorreram em território libanês entre 1980 e 1986. Essa análise permitirá um melhor entendimento, no próximo capítulo, da correlação entre o início do egresso de Israel e os ataques suicidas desencadeados no Líbano nesse período.

Para esse fim, este capítulo será fracionado em três seções. Serão apontados, na primeira, os principais atores responsabilizados pelos ataques e suas motivações; na segunda, os impactos desses ataques, as regiões atingidas e o tipo de alvo alcançado; e, por último, na terceira seção, as curvas de ataque suicida do estudo<sup>48</sup>, por meio das quais serão identificados os períodos de maior incidência e danos do emprego da tática suicida.

As informações analisadas neste capítulo foram coletadas da *Global Terrorism Database*<sup>49</sup> (GTD). No que diz respeito aos elementos dessa base de dados que relacionam um incidente a um grupo perpetrador suspeito e não confirmado, será considerado que esse ator foi efetivamente o responsável. Já os eventos em que o ocasionador é desconhecido serão contabilizados de forma a proporcionar um panorama holístico mais próximo da realidade, externando seus efeitos no estudo sem buscar diretamente os executores, o que não faz parte desta pesquisa.

### 4.1 Os grupos perpetradores dos ataques suicidas

Na década de 1980, o Líbano era o palco de disputas internas e externas,

---

<sup>48</sup> As curvas de ataque suicida do estudo serão definidas na terceira seção deste capítulo e serão a representação gráfica da análise da primeira e segunda seções.

<sup>49</sup> A GTD é uma base de dados da *National Consortium for the Study of Terrorism and Responses to Terrorism* (START), a qual possui informações de mais de duzentos mil ataques terroristas desde 1970. O propósito dessa instituição é ampliar o entendimento da violência terrorista para que se possa combatê-la (START, c2019).

conforme descrito no capítulo anterior. A fragilidade do governo libanês proporcionava que grupos insurgentes atuassem em seu território. Dentre eles, alguns incluíam os ataques suicidas como parte de suas táticas. Desse modo, o propósito desta seção é nomear os grupos perpetradores do terrorismo suicida em terras libanesas entre 1980 e 1986, bem como suas motivações.

De acordo com a GTD (c2021), seis grupos insurgentes foram identificados como os responsáveis pelos ataques suicidas realizados no Líbano de 1980 a 1986. São eles, por ordem de criação: o Partido Social Nacionalista Sírio (PSNS), o Partido Social Árabe Baath<sup>50</sup>, o Partido Islâmico Dawa, a OLP, o Hezbollah<sup>51</sup> e a Frente de Resistência Nacional Libanesa (FRNL). No capítulo anterior, a OLP foi objeto de análise, dispensando o detalhamento nesta seção.

O PSNS foi fundado no Líbano em 1932. O partido tinha como sua motivação central a concretização do ideal da Grande Síria<sup>52</sup>, que enfatizava a diversidade da população síria e seus laços históricos, sendo o Líbano parte desse ideal. As facções de maior relevância numérica e participativa do partido estavam baseadas no Líbano e na Síria. Nos anos oitenta, *the Eagles of the Whirlwind*<sup>53</sup>, a milícia do PSNS, atuou na Guerra Civil do Líbano (1975-1990), particularmente, contra as forças israelenses e o exército libanês do sul.<sup>54</sup> O primeiro ataque suicida empreendido por uma mulher foi praticado por um membro do PSNS em 1985 (SOLOMON; MCDONALD; GRINSTEAD, 2019).

Depois de pouco mais de uma década, criado entre os anos de 1948 e 1951, o Partido Social Árabe Baath estabeleceu ramificações do partido no Líbano, República do Iraque e Jordânia, onde cidadãos locais foram recrutados para a sua causa. Esse partido

---

<sup>50</sup> Partido social árabe Baath ou Ba'ath (DEVLIN, 1991).

<sup>51</sup> Hezbollah significa o partido de Deus ou de Alá (RABASA *et al.*, 2006).

<sup>52</sup> Ver ANEXO J (FIG. 10)

<sup>53</sup> As águias do redemoinho (tradução nossa).

<sup>54</sup> O exército libanês do sul era apoiado por Israel a executar ações contra os grupos insurgentes no sul do Líbano, o que garantiria um entorno de segurança para as vilas israelenses ao norte, na região fronteiriça entre os dois países (O'BALLANCE, 1998).



defendia o estabelecimento de um Estado árabe único e sua independência das regras impostas por países estrangeiros. Na década de 1980, o baathismo<sup>55</sup> foi representado por regimes autoritários mutuamente hostis no Iraque e na Síria, os quais clamavam ser os legítimos herdeiros do legado Baath. Esse antagonismo era tão profundo que forças sírias se uniram contra os iraquianos na Guerra Iraque-Kuwait (1990) (DEVLIN, 1991).

Em seguida, o Partido Islâmico Dawa foi formado em 1958 com o intuito de promover os valores islâmicos sob a visão xiita<sup>56</sup>, a consciência política de seus membros e de criar um Estado Islâmico no Iraque. Dawa apoiou a Revolução Islâmica no Irã<sup>57</sup> (1979) (SAEED, 2019). E, durante a Guerra Irã-Iraque, esse grupo atacou a embaixada do Iraque em Beirute em 1981 (O'BALLANCE, 1998).

Logo após, na década de 1980, a OLP ajudou a treinar e equipar milícias xiitas do sul do Líbano, que se tornaram as precursoras do Hezbollah. Primeiramente, esse grupo estava engajado na disputa interna pelo poder nacional contra os cristãos no território libanês. Entretanto, após a invasão israelense no Líbano em 1982, o foco do Hezbollah se transferiu da rivalidade interna para a expulsão das forças israelenses de lá (RABASA *et al.*, 2006).

Quase que simultaneamente à anterior, a FRNL foi criada em 16 de setembro de 1982, por iniciativa do partido comunista libanês. A invasão de Israel em junho de 1982 foi o fator que provocou a sua criação. Desde então, sua motivação foi resistir à ocupação israelense por meio do conflito armado (TRABOULSI, 2012).

Após a identificação dos atores perpetradores de ataques suicidas no Líbano na década de 1980 e suas motivações, serão verificados alguns pontos relevantes sobre isso.

Primeiramente e primordialmente, apurou-se que, à medida que os grupos insurgentes eram

---

<sup>55</sup> O baathismo é uma ideologia política árabe, com origem no Iraque e Síria. Essa ideologia é a combinação do socialismo, do nacionalismo e do pan-arabismo (DEVLIN, 1991).

<sup>56</sup> O xiismo é uma ramificação muçulmana que acredita que Maomé deve ser sucedido de forma hierárquica; diferentemente dos sunitas, os quais acreditam que o sucessor deve ser eleito pela comunidade de fiéis (SAEED, 2019).

<sup>57</sup> A Revolução Islâmica do Irã, também conhecida como Revolução Iraniana, foi resultado de um levante popular iraniano em 1979 e que levou ao estabelecimento de uma República Islâmica, sob o comando do Aiatolá Ruhollah Khomeini (AFARY, 2021).

criados, suas motivações estavam enraizadas em seu *zeitgeist*<sup>58</sup>. Dessa forma, verifica-se que quanto mais próximos da invasão de Israel no Líbano em 1982, mais sua motivação estava relacionada à expulsão das tropas israelenses do território libanês.

Em segundo lugar, embora o Partido Islâmico Dawa e o Partido Social Árabe Baath tenham atuado na década de 1980 no Líbano, eles não possuem relação com o estudo. O partido Dawa realizou somente um ataque nas condições desta pesquisa, que, apesar de ter sido de relevância em danos – com 100 feridos e 66 mortos –, foi realizado na embaixada do Iraque no Líbano. O Partido Social Árabe Baath atuou por duas ocasiões na cidade de *Jazzine*<sup>59</sup>, localizada no limite da zona de segurança israelense no Líbano (FIG. 9 e 11), com somente uma fatalidade confirmada. Adicionalmente ao impacto irrelevante, esse partido possui motivações alheias a este trabalho. Dessarte, com o propósito de evitar o enviesamento do estudo, esses grupos e seus ataques não serão contabilizados como relevantes.

Na próxima seção, serão apontados os impactos dos ataques suicidas que ocorreram em território libanês entre 1980 e 1986, as regiões atingidas, o tipo de alvo alcançado e as relações entre os grupos insurgentes nomeados como significantes nesta seção.

#### 4.2 A sinergia operacional entre os grupos insurgentes

Com a delimitação dos grupos insurgentes relevantes para o estudo na seção anterior, nesta, será aprofundado o relacionamento entre eles. Para esse fim, por meio dos dados da GTD (c2021), serão indicados e, posteriormente, analisados os impactos dos ataques suicidas – mensurados em número de feridos e fatalidades –, a região do Líbano afetada e o tipo de alvo alcançado. A análise de tais parâmetros será de grande valor para se concluir, na

---

<sup>58</sup> *Zeitgeist* é um termo alemão que significa espírito da época ou espírito do tempo (tradução nossa). Esse termo, em essência, representa a combinação das características sociais, intelectuais e culturais da região em um determinado período. A expressão tornou-se conhecida entre os filósofos alemães, com destaque para a obra de Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 - 1831) (HENDRIX, 2005).

<sup>59</sup> Ver ANEXO K (FIG. 11)

próxima seção, se esses ataques fizeram parte de uma campanha integrada ou não.

De acordo com o GTD (c2021) e com os parâmetros deste estudo, o primeiro ataque suicida em território libanês na década de 1980 foi na cidade litorânea de *Tyre* (FIG. 11), localizada dentro da zona de segurança israelense no Líbano (FIG. 9 e 11), em 11 de novembro de 1982. O alvo foi o quartel general militar israelense, onde um insurgente levou a óbito 90 militares<sup>60</sup>. Esse ataque foi de responsabilidade reivindicada por dois grupos<sup>61</sup>, a OLP e a FRNL.

Em seguida, nos anos de 1983 e 1984, o Hezbollah foi o único grupo atuante. Apesar de ter operado isoladamente por meio do terrorismo suicida, seus resultados foram expressivos. O Hezbollah foi responsabilizado por 385 mortes e 263 feridos em quatro ataques suicidas no período. O primeiro dessa sequência intencionou a embaixada dos EUA no Líbano, localizada em Beirute (FIG. 11), onde, em 18 de abril de 1983, um insurgente ocasionou 63 mortes e 120 feridos (GLOBAL TERRORISM DATABASE, c2021).

Em 23 de outubro de 1983, foram desferidos dois ataques a alvos militares distintos na cidade de Beirute (FIG. 11). Um deles foi na Base de Comando dos Fuzileiros Navais dos EUA, onde insurgentes provocaram 241 falecimentos e 75 feridos. No mesmo dia, o Hezbollah atacou a Base da Força de Paz da França, causando 58 mortos. Em 1984, no dia 20 de setembro, o alvo foi novamente a embaixada dos EUA em Beirute, onde dois insurgentes ocasionaram 23 óbitos e 68 feridos (GLOBAL TERRORISM DATABASE, c2021).

Posteriormente, em 1985, ocorreu o maior número de ataques suicidas da década, contabilizando 11 no total, sendo cinco de autoria desconhecida. O primeiro do ano, em cinco de fevereiro, apesar de não se conhecer a autoria, visou soldados israelenses na cidade de *Tyre* (FIG. 11), e teve como resultado 12 falecimentos e 60 feridos. Em 10 de março, um ataque

---

<sup>60</sup> O ataque foi destaque do *The New York Times*, de doze de novembro de 1982.

<sup>61</sup> Para as autoridades locais, o responsável do ataque foi a OLP (GLOBAL TERRORISM DATABASE, c2021).

suicida a um comboio militar israelense na cidade de *Aamra* (FIG. 11), localizada no limite da zona de segurança israelense no Líbano (FIG. 9 e 11), causou 12 mortes e 14 feridos. O Hezbollah e a FRNL reivindicaram a responsabilidade por esse ataque (GLOBAL TERRORISM DATABASE, c2021).

Em nove de julho, dois Postos de Bloqueio e Controle de Estradas<sup>62</sup> (PBCE) mobiliados por policiais libaneses, um na cidade *Hasbaya* (FIG. 11) e outro na de *Ras al-Bayada* (FIG. 11), ambos localizados dentro da zona de segurança israelense no Líbano (FIG. 9 e 11), foram alvos de um ataque suicida causando 15 mortes e oito feridos no total. A FRNL e o PSNS reivindicaram a autoria desse ataque (GLOBAL TERRORISM DATABASE, c2021).

Nesse ínterim, a FRNL foi responsabilizada por mais dois ataques em 1985. Entretanto, tais incidentes se diferenciam dos usuais, os alvos eram civis libaneses. Em 15 de julho, um dos ataques suicidas foi realizado perto de uma padaria em *Kafr Tibnit* (FIG. 11), localizada dentro da zona de segurança israelense no Líbano (FIG. 9 e 11), que resultou em 14 mortes e sete feridos. O outro ataque foi desencadeado em 12 de novembro e alvejou jornalistas e membros da mídia dos EUA, integrantes da *American Missionary Association*<sup>63</sup> (AMA). Esse ataque ocasionou cinco mortes (GLOBAL TERRORISM DATABASE, c2021).

Enfim, em 1986, houve um decréscimo de mais de 70% de incidência de ataques suicidas com relação ao ano anterior, tendo, assim, somente três eventos. Em 17 de setembro desse ano, membros da PSNS atacaram civis libaneses levando a um óbito e sete feridos em *Jazine* (FIG. 11). Em oito de abril, um grupo desconhecido golpeou um PBCE libanês causando duas mortes. Em 21 de novembro, sendo o alvo de mesma espécie, só que nessa ocasião mobiliado por tropas da UNIFIL, insurgentes da OLP promoveram três falecimentos e

---

<sup>62</sup> Um PBCE é um “posto estabelecido para: controlar o movimento da população da área; capturar membros da força adversa; isolar a força adversa na área de operações e impedir a entrada de seus apoios e reforços; e restringir a liberdade de movimento das forças adversas” (BRASIL, 2015).

<sup>63</sup> A *American Missionary Association* é um grupo protestante abolicionista que pregava a abolição da escravidão, promoção de igualdade racial e os valores cristãos (FITZGERALD, 2018).

três feridos (GLOBAL TERRORISM DATABASE, c2021).

Com a análise dos ataques suicidas dos grupos insurgentes relevantes, levantam-se pontos-chaves para este estudo. Primeiramente, em sua grande maioria, os alvos alcançados foram tropas estrangeiras que se encontravam em território sob disputa com os grupos insurgentes. Apesar de o exército libanês ser uma tropa endógena, ele apoiava ou era apoiado pelas tropas exógenas com o propósito de retomar o controle territorial para o governo do Líbano. Com isso, essa tropa converteu-se em alvo de ataques suicidas.

A dificuldade de definir a responsabilidade dos ataques, bem como as múltiplas reivindicações dos incidentes, externam uma convergência de propósitos, revelando uma sinergia finalística. Os ataques a civis libaneses manifestaram a disposição dos grupos de arriscar o apoio da população local para alcançar seus objetivos. No caso do incidente com a AMA, por ser um grupo de disseminação cristão e estrangeiro, não se dispõe de dados suficientes para perfazer uma análise apurada para identificar se foi motivado por religião ou xenofobia.

Na próxima seção, serão definidas as curvas de ataque suicida do estudo, por meio das quais os períodos de maior incidência do emprego da tática suicida serão identificados.

#### 4.3 As curvas de ataque suicida no Líbano de 1980 a 1986

A culminação deste capítulo reside na identificação dos períodos em que os ataques suicidas tiveram maior significância em número de eventos e vítimas, fatais ou não. Dessa maneira, nesta seção, serão analisadas as curvas de ataque suicida no Líbano de 1980 a 1986, as quais foram produzidas baseadas nos dados desenvolvidos nas demais seções deste capítulo.

Ao observar as curvas em questão, verifica-se que, no período selecionado,

ocorrem dois picos de ataques suicidas no Líbano. Apesar de serem as mesmas, em 1983 e 1985, suas magnitudes se invertem, sendo mais significante o ano de 1983 quanto aos impactos<sup>64</sup> e o de 1985 quanto ao número de ataques<sup>65</sup>.

Com o intuito de analisar essa inversão, é necessário compará-la com os acontecimentos históricos do período, que foram abordados no capítulo anterior. Essa comparação será conduzida no próximo capítulo, que guiará a uma conclusão da correlação entre os ataques estudados nesta parte da pesquisa e a retirada das tropas de Israel em 1985.

---

<sup>64</sup> Ver ANEXO L (GRAF. 1)

<sup>65</sup> Ver ANEXO M (GRAF. 2)

## **5 A LÓGICA DO TERRORISMO SUICIDA APLICADA NA INVASÃO DE ISRAEL NO LÍBANO EM 1982**

Até o momento, foram analisados, de forma isolada, os aspectos relevantes para este estudo da teoria da lógica do terrorismo suicida de Pape (2003), da retirada de Israel no Líbano em 1985 e dos ataques suicidas em território libanês de 1980 à 1986. Assim, neste ponto da análise, considera-se a significância de confrontá-los.

Para tal, doravante, será feita uma análise da retirada de Israel no Líbano em 1985 sob o ponto de vista da teoria de Pape (2003). Esse confronto tem como objetivo evidenciar a correlação entre a teoria e o evento estudado, denotando a relevância dos ataques suicidas ocorridos em território libanês de 1982 a 1985.

Por conseguinte, este capítulo está subdividido em quatro seções. Na primeira, serão enquadrados os atores e os eventos ocorridos durante a invasão de Israel em 1982 nas definições do terrorismo suicida de Pape. Na segunda seção, esse enquadramento será ampliado para a conformação de uma estratégia para a libertação nacional dos grupos insurgentes, que atuaram por meio da tática de ataques suicidas contra a ocupação de tropas estrangeiras consideradas invasoras.

A seguir, será apresentada a correlação dessa estratégia com os regimes políticos dos Estados invasores e o que será definido neste estudo como o ciclo do terrorismo suicida contra uma democracia<sup>66</sup>. Para tal, a retirada dos EUA será utilizada como um paradigma. Na quarta e última seção, será defrontada a retirada de Israel do Líbano em 1985 com esse ciclo, o que demonstrará uma correlação positiva dos ataques suicidas praticados no Líbano entre 1982 e 1985 com esse egresso.

Isto posto, passa-se ao enquadramento da invasão de Israel no Líbano em 1982 nas definições da estratégia lógica do terrorismo suicida de Pape (2003).

---

<sup>66</sup> Ver Anexo N (FIG. 12)

### 5.1 O enquadramento do terrorismo suicida no Líbano

Balizando-se pela definição de conflito de Freund (1995), percebe-se que a disputa entre palestinos e israelenses na década de 1980 era um choque intencional. Desse modo, os grupos rivais de Palestina e Israel almejavam romper a resistência do seu oponente e, respectivamente, restabelecer e manter a posse territorial envolvida. Para tanto, foi amplamente empregada a violência como meio não somente de alcançar seu propósito, mas também para o aniquilamento de seu adversário, motivada por seu dilema existencial.

Desde a criação de suas bases no interior do Líbano em 1968, o grupo insurgente OLP enfraqueceu o controle e a legitimidade do governo libanês por meio do terrorismo para alcançar seu objetivo político, que era a destruição total de Israel.

Entretanto, a OLP não era o único grupo insurgente no Líbano que ameaçava a legitimidade do governo local. De relevância para este estudo, havia mais três grupos com objetivos políticos territoriais. A PSNS pretendia subjugar o Líbano como parte da Grande Síria (FIG. 10); o Hezbollah, que inicialmente ameaçava o governo cristão defendendo os princípios mulçumanos e, entre 1982 e 1985, voltou-se para a expulsão das tropas israelenses do Líbano; e a FRNL, que foi criada com o propósito de libertar o Líbano dos invasores israelenses.

Diferentemente dos terroristas, os grupos insurgentes nomeados eram vistos pela população mulçumana local como profundos conhecedores dos descontentamentos islâmicos em um país governado e oprimido por cristãos. Contudo, esses grupos não eram fortes o suficiente para alcançar seus objetivos por meio da guerrilha e tampouco pela guerra convencional. Com isso, como último recurso, em 1983, iniciou-se a saga dos ataques suicidas no Líbano.

Após o enquadramento realizado por esta seção, serão abordadas as convergências



das ações executadas pelos grupos insurgentes no Líbano em uma estratégia para a libertação nacional.

## 5.2 A estratégia dos grupos insurgentes no Líbano

Os ataques suicidas são executados por pessoas que acreditam estar realizando um bem maior, um ato altruísta em benefício de toda comunidade. Dessa forma, o terrorismo suicida desencadeado no Líbano entre 1982 e 1985 era a tática empregada por grupos insurgentes que buscavam a libertação nacional de tropas estrangeiras invasoras.

Apesar dos grupos insurgentes presentes no Líbano serem mais fracos militarmente do que Israel ou os EUA, isso não os impedia de desencadear uma estratégia baseada em uma série de ataques suicidas contra suas tropas. Obviamente, não caberia a esses grupos desenvolverem uma estratégia coercitiva por negação, pois seria pouco provável passar a percepção de que um grupo ínfimo, em comparação às forças adversárias, poderia vencer a disputa. No entanto, a estratégia coercitiva por punição poderia elevar os custos ou riscos envolvidos a um nível que não compensasse os benefícios implicados. Um fator que contribui para isso é o fato de que, para uma insurgência, o simples fato de manter sua existência é uma vitória, enquanto, para as forças invasoras, o não avançar é uma derrota.

De modo a subjugar as tropas invasoras, houve uma convergência dos interesses dos grupos insurgentes citados na seção anterior, com o ponto focal em expulsar as tropas israelenses do Líbano, de forma a, após o egresso, continuarem em busca de seus objetivos políticos originais.

Dessa maneira, a seguir à conformação da estratégia de libertação do Líbano das tropas invasoras israelenses executadas por grupos insurgentes locais entre 1982 e 1985, será ressaltado como o sistema de governo dos invasores auxiliaram nessa estratégia.

### 5.3 A força da opinião pública em uma democracia

As democracias são pautadas por uma imprensa livre, pelo direito de se expressar e pela liberdade de se reunir para protestar contra as políticas adotadas por um governo que não são de seus interesses. Assim, o eleitorado tem o poder de influenciar nas políticas de seu Estado. Por efeito, se alguma ação desencadeada por um governo eleito democraticamente mostrar-se de não interesse ou ser desfavorável na relação custo-benefício, o questionamento e a pressão da opinião interna poderão resultar em uma mudança ou concessão da política adotada.

Adicionalmente, em um Estado democrático de direito, apesar de o governo ter a capacidade militar de responder com extrema violência, defende-se e se pratica tanto a Declaração Universal dos Direitos Humanos como o Direito Internacional do Conflito Armado (DICA). Ao optar por transgredir tais normas, o Estado mina a legitimidade de suas ações, sendo alvo de críticas nacionais e internacionais.

Um exemplo da significância da coação endógena e exógena é o resultado histórico obtido por um ciclo do terrorismo suicida aplicado em tropas invasoras provenientes de democracias. Nesse ciclo, serão estudados os passos da estratégia coercitiva por punição do terrorismo suicida contra democracias em três estágios, que podem ser repetidos até alcançar o objetivo político almejado (FIG. 12). De forma a tornarmos esse ciclo mais cognoscível, será exemplificado com o paradigma da retirada dos EUA em 1984 após ter se tornado o foco dos ataques suicidas conduzidos pelo Hezbollah desde 1983 até o seu egresso. Esse caso é de grande valia para o estudo por ter sido o marco do início da saga dos ataques suicidas no Líbano e por ter demonstrado eficiência em alcançar o objetivo político desejado, que era a retirada de uma tropa invasora.

Em um primeiro estágio, os grupos insurgentes empregam o terrorismo suicida

onde a tropa invasora está mais vulnerável e pode causar maior dano. Os EUA, por serem uma tropa além-mar, optaram por estabelecer sua base em terra e, além dela, possuíam sua embaixada na cidade de Beirute. Esses dois locais proporcionaram oportunidades de serem realizados ataques suicidas com um grande número de vítimas por insurgentes que não necessitavam de plano de fuga, carecendo tão somente de uma maneira de acessar os alvos selecionados.

No segundo estágio, os insurgentes esperam a reação adversária. Apesar de não controlarem as atitudes de seu oponente, os ataques suicidas, normalmente, provocam um comportamento de pronta-resposta com extrema violência por parte dos Estados atingidos, sendo esse ponto o seu pior erro. Complementarmente, esse contra-ataque foge do escopo do propósito inicial do invasor.

Ao ser alvo na sua embaixada em Beirute e na Base de Comando dos seus Fuzileiros Navais, os EUA responderam com intensos bombardeios aéreos e navais no Líbano. Apesar dos ataques suicidas sofridos terem causado 362 mortos e 195 feridos, o que marcou o ano de maior impacto em relação a perdas no período do estudo (GRAF. 1), tal reação foi prontamente condenada pelo congresso estadunidense, principalmente, por ser uma missão de paz. Dessa forma, o governo dos EUA perdeu a legitimidade de suas ações, que foram desproporcionais para a sua missão, perante seu eleitorado; e, conseqüentemente, isso restringiu seu poder de futuras respostas por imposição da opinião pública interna.

No terceiro estágio, os grupos insurgentes esperam as conseqüências da pressão da opinião pública interna e internacional para a retirada das tropas invasoras do território dito insurgente. Caso não se concretize o egresso, o ciclo é reiniciado e os ataques são reajustados para obterem uma coação suficiente que o motive.

No caso dos EUA, o Hezbollah necessitou completar somente uma vez o ciclo, entretanto, necessitou reajustar sua primeira tentativa. O ataque realizado na embaixada

estadunidense em Beirute em abril de 1983 não resultou em uma resposta com extrema violência. Dessa forma, houve a necessidade de um reajuste no terrorismo suicida (FIG. 12). Como resultado, a Base de Comando dos Fuzileiros Navais estadunidenses foi um alvo que levou, por seus danos, uma resposta de extrema violência, a reprovação de seu congresso e a consequente retirada.

A utilização vitoriosa do ciclo do terrorismo suicida contra os EUA foi um campo de prova para a aplicação dessa conduta contra a tropa invasora que estava controlando os territórios desde 1982, antes de domínio dos insurgentes, que era Israel. Assim sendo, na próxima seção, será defrontado o ciclo do terrorismo suicida com a retirada de Israel do Líbano em 1985.

#### 5.4 O ciclo do terrorismo suicida aplicado na democracia israelense

Em seis de junho de 1982, Israel invadiu o Líbano para proteger seus aldeões das cidades limítrofes a esse país. Assim, o governo israelense desencadeou a Operação Paz em Galileia para destruir as ameaças da OLP e outros focos de guerrilha palestinos e sírios. Em resposta, esses grupos iniciaram uma estratégia para a libertação nacional dos invasores de modo a recuperarem seus territórios. Com o êxito da campanha contra os EUA, os insurgentes alteraram seu foco para as tropas israelenses em 1985, que foi o ano com o maior número de ataques suicidas no Líbano de 1980 até 1986 (GRAF. 2).

A escolha do emprego do terrorismo suicida pelos insurgentes foi sua última opção contra Israel. Por outro lado, o uso excessivo da violência poderia incitar a população a se voltar contra os insurgentes, o que perderia a representatividade dos problemas locais e o propósito maior de um suicídio altruísta.

Diferentemente dos EUA, as tropas de Israel estavam espalhadas pelo território

libanês com uma maior concentração em sua zona de segurança (FIG. 9 e 11), entretanto, sem nenhum alvo que reunisse tantas possíveis vítimas quanto a Base de Comando dos Fuzileiros Navais dos EUA em Beirute. Suplementarmente, Israel é um país limdeiro, o que possibilitou manter suas tropas de retaguarda reunidas em seu próprio território. Como resultado, um maior número de ataques suicidas foi necessário, contra PBCE e comboios logísticos, para buscar o resultado final do ciclo de terrorismo suicida contra uma democracia, que é a retirada da tropa invasora.

À vista disso, foram desencadeados 11 ataques suicidas de fevereiro a novembro de 1985 sobre militares israelenses ou libaneses que apoiavam ou que eram apoiados por estes. Nesse primeiro estágio do ciclo, o sucesso insurgente foi proeminente. Desde o primeiro ataque, Israel respondeu com extrema violência por meio de seus reconhecimentos pelo fogo, o que resultou na perda de sua rede de informantes locais, que já se sentiam ameaçados com as ações dos insurgentes.

Esses acontecimentos impactaram de tal forma que alteraram as condicionantes da retirada israelense e decretaram a falência da Operação Paz em Galileia. Com a impossibilidade de cumprir a missão de exterminar a ameaça em território libanês, no segundo estágio do ciclo, Israel passou a utilizar de extrema violência em suas ações, que aumentava à medida que executava a sua retirada.

De forma a evitar uma opinião pública, principalmente internacional, de reprovação de seus atos, Israel controlou e manipulou a mídia, o que não conseguiu manter por muito tempo. Logo, suas atrocidades realizadas em território libanês tornaram-se públicas e a comunidade internacional expressou a necessidade da retirada israelense. Nesse terceiro estágio, a pressão da opinião pública, tanto da ONU quanto do Líbano, onde as tropas israelenses foram classificadas como invasoras por seu presidente, teve um papel fundamental na percepção do aumento dos custos em relação aos benefícios, levando à sua retirada.

A notoriedade da eficiência do ciclo do terrorismo suicida sobre Israel reside em dois pontos. Primeiro, no abandono de seu propósito em território libanês para simplesmente responder com extrema violência os ataques suicidas sofridos, e segundo, na intensa preocupação de tomar medidas de segurança contra esses ataques, como a de proibir carros com somente uma pessoa e a construção de uma linha defensiva contra tal ataque para proteger seu território.

Dessa forma, ao final do desenvolvimento do trabalho, será realizada uma síntese no último capítulo para apresentar as conclusões do estudo.

## 6 CONCLUSÃO

Em um conflito de interesses em que as partes envolvidas buscam alcançá-los por meio da violência, o modo como um grupo insurgente pode enfrentar e forçar a retirada de uma força exógena e de maior poderio militar de seu território é um desafio de se determinar. Nesse sentido, neste trabalho, procurou-se analisar a realidade da retirada de Israel do Líbano em 1985, após invadi-lo em 1982. Para tal, foi escolhido como marco teórico a estratégia lógica do terrorismo suicida formulada por Robert Pape (2003).

Para alcançar o objetivo da pesquisa, o presente estudo foi estruturado em quatro capítulos de desenvolvimento. Sendo assim, foi destinado um capítulo para apresentar conceitos, com significância para a análise, de conflito, de insurgência e da teoria selecionada. No capítulo seguinte, examinou-se os eventos históricos relevantes que levaram à invasão e, posteriormente, à retirada de Israel do Líbano em 1985. No terceiro capítulo de desenvolvimento, foram analisados os ataques suicidas desencadeados em território libanês entre 1980 e 1986. Por fim, foi dedicado um capítulo para confrontar os objetos de estudo à luz do modelo teórico, o que permitiu alcançar a conclusão acerca da comparação realizada.

Ao se iniciar o estudo com a teoria da estratégia lógica do terrorismo suicida de Robert Pape no capítulo dois, observou-se conceitos atinentes ao tema. Contudo, de forma a prover um entendimento holístico do assunto, foram identificadas definições, não abordadas por Pape, de outros autores de significância para o trabalho. Outrossim, identificou-se que o cerne do modelo teórico adotado se encontra na correlação positiva entre as concessões políticas e o terrorismo suicida. Desse modo, essa convergência motiva o emprego dessa tática, principalmente, contra um Estado democrático de direito, que está em um território outrora dominado por um grupo insurgente.

No capítulo três, a retirada israelense em 1985 foi esclarecida. Destacou-se que esse fato é de extrema complexidade e tem sua origem em eventos históricos, que provocaram

o dilema existencial entre israelenses e palestinos. Do mesmo modo, elucidou-se a maneira como o Líbano tornou-se uma base terrorista contra Israel utilizada por grupos insurgentes, sendo a destruição destes o objetivo da invasão de Israel em território libanês em 1982.

No quarto capítulo, a conjuntura dos ataques suicidas ocorridos em território libanês de 1980 a 1986 foi descrita. Essa contextualização criou uma base argumentativa, para o quinto capítulo, de possíveis correlações do número e do impacto desses ataques com o comportamento das tropas israelenses no período de sua invasão no Líbano entre 1982 e 1985, estudados no capítulo três. Como produto, construiu-se duas curvas de ataque suicida no Líbano, uma de impactos (GRAF. 1) e outra numérica (GRAF. 2), para um período maior que o da invasão, de forma a analisar a mudança de comportamento insurgente antes, durante e depois da presença israelense.

No último capítulo do desenvolvimento, foi realizado o confronto da teoria de Pape (2003) com a realidade encontrada na retirada das tropas israelenses do Líbano em 1985, com o intuito de ressaltar o papel dos ataques suicidas realizados no período. Dessa comparação, logrou-se concluir dois grandes argumentos.

Primeiramente, Israel invadiu o Líbano com o propósito inicial de eliminar os grupos insurgentes palestinos e sírios em território libanês. Esses grupos, que confrontavam a ocupação de Israel, ameaçavam a legitimidade do governo libanês. Em contrapartida, Israel invadiu não para restaurar a governança e legitimidade local, mas sim para proteger as cidades fronteiriças com o Líbano de ataques terroristas. Dessa forma, os insurgentes adotaram uma estratégia para a libertação nacional como meio de conseguir retornar para a busca de seus objetivos iniciais que, devido a presença de Israel, estavam impossibilitados de alcançar.

De superior relevância para o estudo, evidenciou-se que nos dois anos prévios à invasão de Israel e, por consequência desta, a dos EUA, as curvas dos ataques suicidas no Líbano não registraram atividades de terrorismo suicida. Adicionalmente, em 1986, após a



retirada de Israel e dos EUA, houve um declínio significativo. No período da invasão, os anos de 1983 e 1985 se destacaram, respectivamente, pelo número de vítimas e pelo número absoluto de ataques executados. Nesses anos, ocorreu a retirada dos EUA e de Israel do Líbano, nessa ordem.

No aprofundamento da estratégia dos grupos insurgentes, verificou-se a consonância das curvas descritas e os fatos históricos relacionados com o ciclo do terrorismo suicida contra as democracias estadunidense e israelense (FIG. 12). Ao aplicar esse ciclo ao egresso de Israel, revelou-se que a reação perante os ataques suicidas foi a de completo abandono de seu propósito inicial, o que foi representado pelo elevado grau de violência em suas ações. Em consequência a essa resposta desproporcional, houve críticas nacionais e internacionais à sua presença no Líbano. Dessa forma, o sistema de governo de Israel implicou-se em creditar às suas políticas um peso proveniente das opiniões públicas domésticas e internacionais, as quais defendiam sua retirada do Líbano.

Logo, as argumentações apontadas tiveram como propósito elucidar a questão de pesquisa apresentada, a saber: qual seria a correlação entre a retirada das tropas de Israel do Líbano em 1985 e a estratégia do terrorismo suicida? Assim, o estudo permitiu externar uma correlação positiva entre a retirada israelense do Líbano em 1985 e os ataques suicidas sofridos por ele, o que constatou a aderência da realidade à teoria em tela.

Cabe ressaltar que o Líbano, na década de 1980, era um palco de confrontações fora do contexto deste estudo. Dessa forma, as delimitações desta análise descartaram as ações consideradas alheias ao propósito deste trabalho. Adicionalmente, nesta pesquisa, manteve-se o foco na influência dos ataques suicidas como o fator de maior relevância para a realidade apresentada. Entretanto, não se excluiu a possibilidade de outros aspectos terem contribuído para o egresso em questão. Com isso, não se pretende exaurir o assunto.

Para futuro estudos, aconselha-se uma pesquisa para identificar se o nível de

maturidade dos valores democráticos de um Estado influencia no grau de atuação da opinião pública, endógena e exógena, sobre as políticas adotadas pelo seu governo.

Por fim, depreendeu-se a relevante implicação para a Marinha do Brasil da inserção da variável ataque suicida dentre as possíveis capacidades de um adversário insurgente. Dessa forma, denota-se a pertinência de avaliar a inclusão dos argumentos deste estudo em futuros planejamentos realizados à luz da doutrina de contrainsurgência.

## REFERÊNCIAS

- AFARY, J. Iranian Revolution. In: Britannica, 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Iranian-Revolution>>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- AIATOLÁ. In: Michaelis, c2021. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/aiatola/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- ANCIENTE Roman Civilization. In: Galligan18, 2012. Disponível em: <<https://galligan18.weebly.com/roman-geographyregionlocation.html>>. Acesso em: 14 jun. 2021.
- BAYLIS, J.; SMITH, J.; OWENS, P. *The globalization of world politics: an introduction to international relations*. 6. ed. Oxford, UK: Oxford University Press, 2014.
- BOBBIO, N. *Dicionário de política: volume 1*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998. 2 v.
- BRASIL. Ministério da Defesa. *Glossário das Forças Armadas: MD35-G-01*. 5. ed. Brasília: Ministério da Defesa, 2015.
- CRONIN, A. K. *Terrorists and suicide attacks*. Washington, DC: Library of Congress, 2003.
- DEVLIN, J. F. The baath party: rise and metamorphosis. *The American Historical Review*, [s. l.], v. 96, n. 5, p. 1396-1407, 1991.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Department of the Army. *FM 3-24: MCWP 3-33.5: insurgencies and countering insurgencies*. Washington, DC: Department of the Army, 2014. Disponível em: <[https://armypubs.army.mil/epubs/DR\\_pubs/DR\\_a/pdf/web/fm3\\_24.pdf](https://armypubs.army.mil/epubs/DR_pubs/DR_a/pdf/web/fm3_24.pdf)>. Acesso em: 7 jul 2021.
- ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. General Assembly. *67/19. Status of Palestine in the United Nations*. [S. l.]: General Assembly, 2012. Disponível em: <<https://unispal.un.org/DPA/DPR/unispal.nsf/0/19862D03C564FA2C85257ACB004EE69B>>. Acesso em: 13 jul. 2021.
- FERNANDEZ-ARMESTO, F. *Ideias que mudaram o mundo*. São Paulo: Arx, 2010.
- FITZGERALD, N. American Missionary Association (1846-1999). In: Black Past, 2018. Disponível em: <<https://www.blackpast.org/african-american-history/american-missionary-association-1846-1999/>>. Acesso em: 7 jun. 2021.
- FRANÇA, J. L.; VASCONCELLOS, A. C. de. *Manual para normalização de publicações técnico-científicas*. 8. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2007. (Coleção Aprender).
- FREUND, J. *Sociología del conflicto*. Madri: Ediciones Ejército, 1995.
- FUNARI, P. P. *Grécia e Roma*. São Paulo: Contexto, 2002.

- GLOBAL TERRORISM DATABASE - GTD. *Country: Lebanon (1980-1986)*. Disponível em:  
[https://www.start.umd.edu/gtd/search/Results.aspx?start\\_yearonly=&end\\_yearonly=&start\\_year=1980&start\\_month=1&start\\_day=1&end\\_year=1986&end\\_month=1&end\\_day=31&country=110&asmSelect1=&dtp2=all&success=yes&casualties\\_type=b&casualties\\_max=>](https://www.start.umd.edu/gtd/search/Results.aspx?start_yearonly=&end_yearonly=&start_year=1980&start_month=1&start_day=1&end_year=1986&end_month=1&end_day=31&country=110&asmSelect1=&dtp2=all&success=yes&casualties_type=b&casualties_max=>).  
 Acesso em 20 abr. 2021.
- HENDRIX, J. S. *Aesthetics & the philosophy of spirit*. [S. l.]: [s. n.], 2005.
- HOLOCAUSTO. In: BRITANNICA Escola, c2021. Disponível em:  
 <<https://escola.britannica.com.br/artigo/Holocausto/481512>>. Acesso em: 3 jun. 2021.
- ISRAEL. In: Britannica Escola, 2021. Disponível em:  
 <<https://escola.britannica.com.br/artigo/Israel/481593>>. Acesso em: 3 jun. 2021.
- JOHNSON, P. *História dos judeus*. Rio de Janeiro: Imago, 1989.
- KILCULLEN, D. *Counterinsurgency*. Oxford, EUA: Oxford University Press, 2010.
- LAFFIN, J. *The war of desperation: Lebanon 18982-1985*. London: Osprey Publishing, 1985.
- LEWIS, B. *The assassins*. London: Weidenfeld & Nicholson, 1967.
- LÍBANO. In: Britannica Escola, 2021. Disponível em:  
 <<https://escola.britannica.com.br/pesquisa/imagens/Líbano e Israel/recursos/134733>>. Acesso em: 4 jun. 2021.
- MAALOUF, A. *As Cruzadas vistas pelos árabes*. São Paulo: Brasiliense, 2001.
- MAGNOLI, D. (Org.). *História das guerras*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.
- MESQUISTA, B. B.; SMITH, A. *The dictator's handbook: why bad behavior is almost good politics*. New York: Public Affairs, 2011.
- NATIONAL CONSORTIUM FOR THE STUDY OF TERRORISM AND RESPONSES TO TERRORISM - START. *Global Terrorism Database*. College Park: START, c2019.  
 Disponível em: <<https://www.start.umd.edu/gtd/>>. Acesso em: 24 abr. 2021.
- O'BALLANCE, E. *Civil war in Lebanon, 1976-92*. New York: PalgraveMacmillan, 1998.
- PALESTINA: antiga Palestina e o plano de divisão de 1947. In: Britannica Escola, 2021.  
 Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/pesquisa/artigos/mapa da palestina/recursos/177457>>. Acesso em: 4 jun. 2021.
- PALESTINE LIBERATION ORGANIZATION. In: JSTOR, [1964]. Disponível em:  
 <<https://jstor.org/stable/10.2307/al.sff.document.pos00000000.043.053.1501>>. Acesso em: 3 jun. 2021.
- PAPE, R. *Dying to win: the strategic logic of suicide terrorism*. New York: Random House, 2005.

PAPE, R. The strategic logic of suicide terrorism. *The American Political Science Review*, [s. l.], v. 97, n. 3, p. 343-361, 2003. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/3117613>>. Acesso em 3 jun. 2021.

RA'AD, B. L. Palestine's history and heritage narrative: alternative prospects. *Bethlehem University Journal*, [s. l.], v. 36, p. 77-100, 2019.

RABASA, A. et al. Hezbollah and Hamas. In: RABASA, A. et al. *Beyond al-Qaeda: part 2, the outer rings of the terrorist Universe*. Pittsburgh, PA: RAND Corporation, 2006. p. 5-24. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/10.7249/mg430af.9>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

SAEED, H. Iraqi Shi'is and the pressure of religious identity: an attempt to determine the meaning of shi'i identity. *AlMuntaqa*, [s. l.], v. 2, n. 1, p. 62-80, 2019.

SEGUNDA Guerra Mundial. In: Britannica Escola, 2021. Disponível em: <<https://escola.britannica.com.br/artigo/Segunda-Guerra-Mundial/482882>>. Acesso em: 19 jul. 2021.

SHAW, S. Ottoman Empire: historical empire, Eurasia and Africa. In: Britannica, 2021. Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/Ottoman-Empire/Osman-and-Orhan>>. Acesso em: 3 jun. 2021.

SOLOMON, C.; MCDONALD, J.; GRINSTEAD, N. *Eagles riding the storm of war: the role of the Syrian Social Nationalist Party*. [S. l.]: Clingendael Institute, 2019. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/resrep21309>>. Acesso em: 22 abr. 2021.

STERN, J. *Terror in the name of God*. New York: Harper Collins, 2003.

SYKES-PICOT Agreement 1916. In: Britannica, 2022. Disponível em: <<https://www.britannica.com/event/Sykes-Picot-Agreement>>. Acesso em: 16 jul. 2021.

SYRIAN SOCIAL NATIONALIST PARTY OFFICIAL ACCOUNT. In: Twitter @ssnparty, [202-]. Disponível em: <<https://twitter.com/ssnparty>>. Acesso em: 4 jun. 2021.

TOSHKOV, D. *Research design in political science*. [S. l.]: Palgrave Macmillan, 2016. (Political Analysis Series).

TRABOULSI, F. The war order (1983-1990). In: TRABOULSI, F. *A History of modern Lebanon*. London: Pluto Press, 2012. p. 226-245.

WHAT DOES TRUMP'S plan propose for Palestinian territories? *AlJazeera*, [s. l.], 29 jan. 2020. Disponível em: <<https://www.aljazeera.com/news/2020/1/29/what-does-trumps-plan-propose-for-palestinian-territories>>. Acesso em: 16 jul. 2021

WHEELAN, C. *Naked statistics: stripping the dread from the data*. New York: W.W. Norton and Company, 2013.

WILLIAMS, P. *O guia completo das Cruzadas*. São Paulo: Madras, 2007.

## ANEXOS

## ANEXO A – MAPA DO IMPÉRIO ROMANO



FIGURA 1 - Mapa do Império Romano em 117 d. C.

Fonte: ANCIENTE roman civilization, 2012.

Nota: A província de Judeia encontrava-se na porção sudeste do Império Romano.

## ANEXO B – MAPA DO IMPÉRIO OTOMANO



FIGURA 2 - Mapa da expansão do Império Otomano.

Fonte: SHAW, 2021.

Nota: A Palestina otomana tinha como sua capital Jerusalém.

## ANEXO C – PALESTINA BRITÂNICA

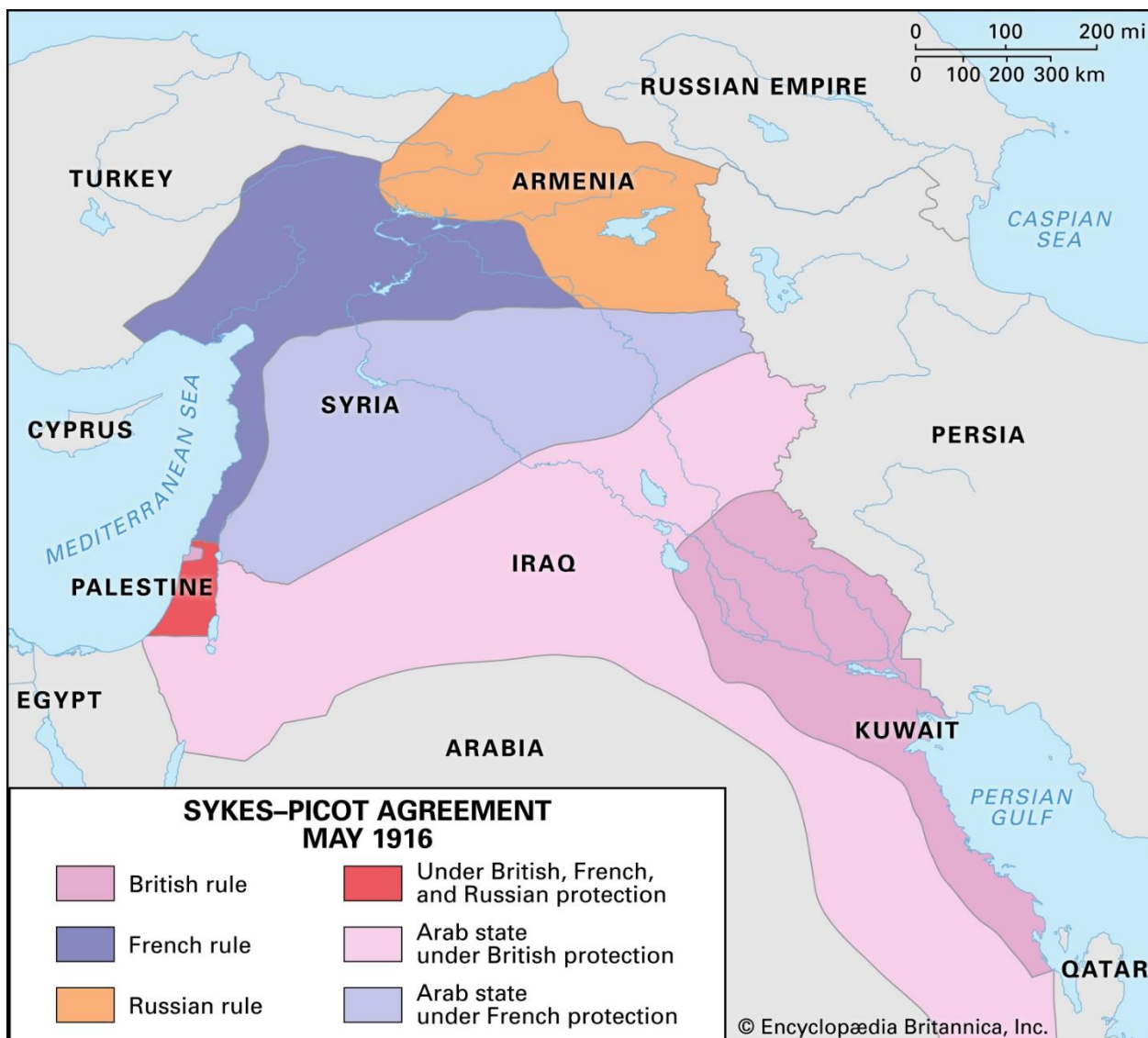


FIGURA 3 - Acordo Sykes-Picot de 1916.  
Fonte: SYKES-PICOT agreement, 2022.



## ANEXO D – MAPA DE ISRAEL E ESTADOS FRONTEIRIÇOS



FIGURA 4 - Mapa de Israel e Estados fronteiriços.  
Fonte: ISRAEL, 2021.

## ANEXO E – PLANO DE CRIAÇÃO DE UM ESTADO JUDEU E OUTRO ÁRABE DA ONU DE 1947



FIGURA 5 - Plano de criação de um Estado judeu e outro árabe da ONU de 1947.  
Fonte: PALESTINA..., 2021.

## ANEXO F – PERDA TERRITORIAL DA PALESTINA DESDE 1917



FIGURA 6 - Perda territorial da Palestina desde 1917.  
Fonte: WHAT DOES TRUMP'S..., 2020.

## ANEXO G – PLANFETO DA OLP

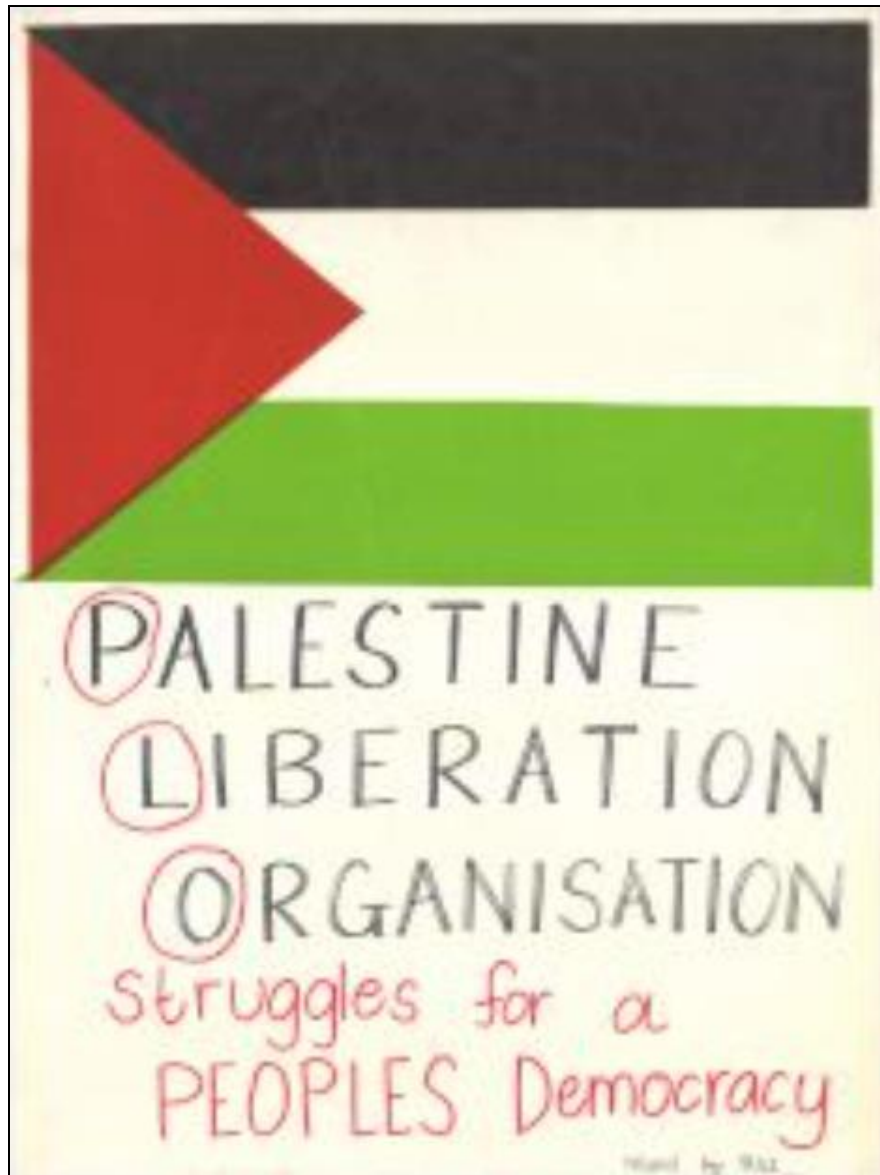


FIGURA 7 - Panfleto da OLP.

Fonte: PALESTINE LIBERATION ORGANIZATION, [1964].

Nota: A figura refere-se a propaganda da OLP defendendo a luta pela democracia da população palestina.

## ANEXO H – MAPA DO LÍBANO



FIGURA 8 - Mapa do Líbano.  
Fonte: LÍBANO, 2021.

## ANEXO I – ÁREA DE RESPONSABILIDADE DA UNIFIL EM 1978

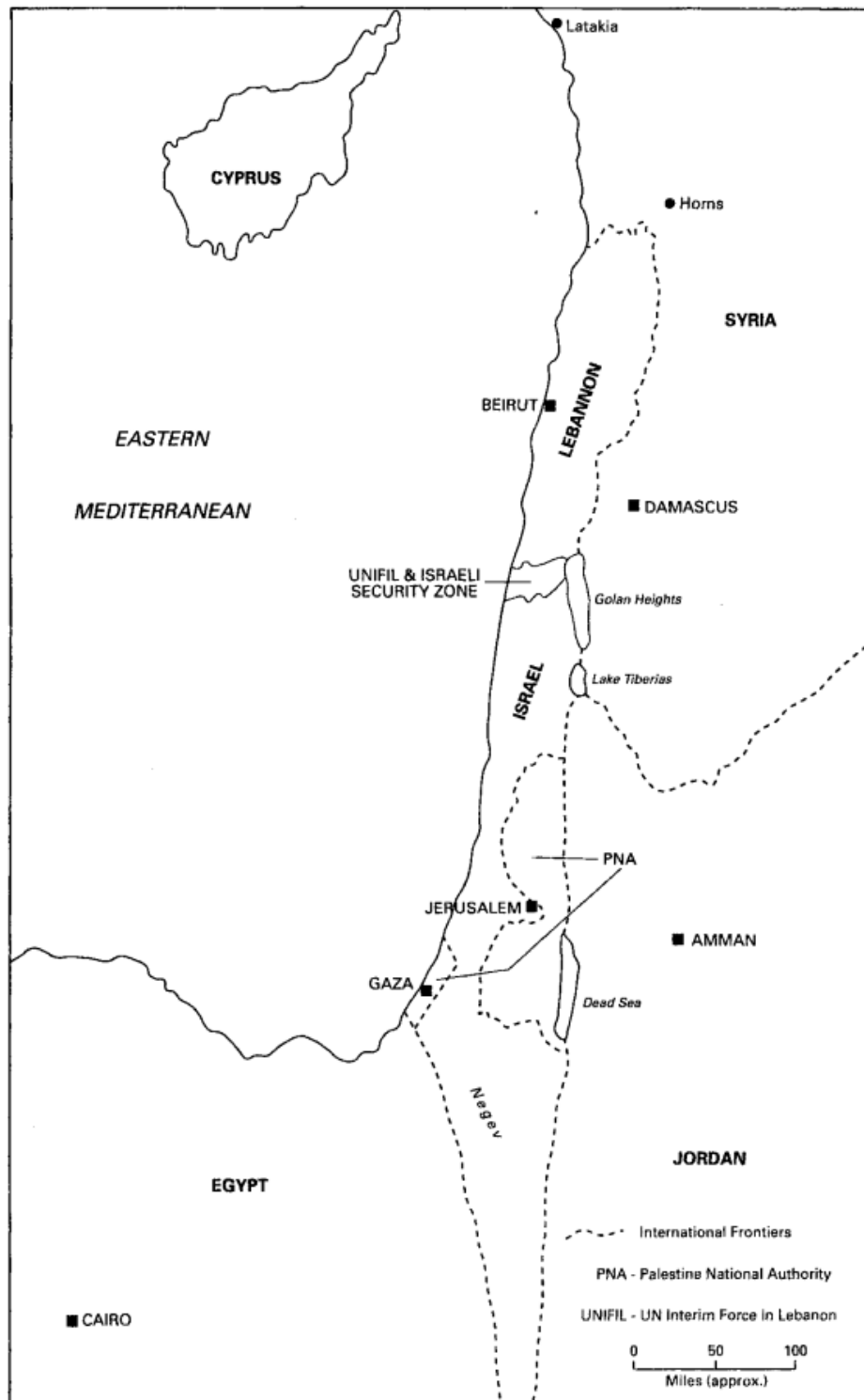


FIGURA 9 - Área de responsabilidade da UNIFIL em 1978.

Fonte: O'BALLANCE, 1998.

Nota: Além da área de responsabilidade da UNIFIL em 1978, pode-se verificar uma zona de segurança de Israel bem como as áreas sob controle da Autoridade Nacional Palestina (ANP) por meio da OLP.

## ANEXO J – MAPA DA GRANDE SÍRIA

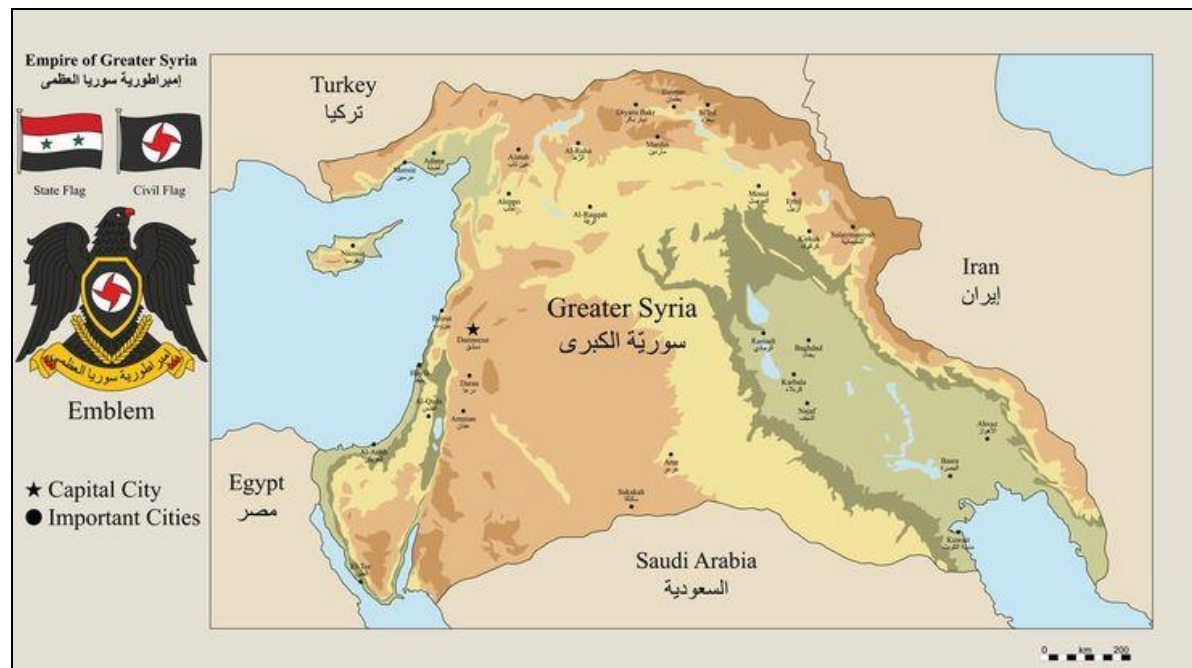


FIGURA 10 - Mapa da Grande Síria.

Fonte: Syrian Social Nationalist Party Official Account, [202-].

Nota: Conforme o Mapa, a Grande Síria compreende o espaço atualmente ocupado por Síria, Jordânia, Israel, Palestina, Iraque, Estado do Kuwait e a península do Sinai (pertencente à República Árabe do Egito).

## ANEXO K – MAPA DE OCUPAÇÃO DA UNIFIL E DE ISRAEL NO LÍBANO

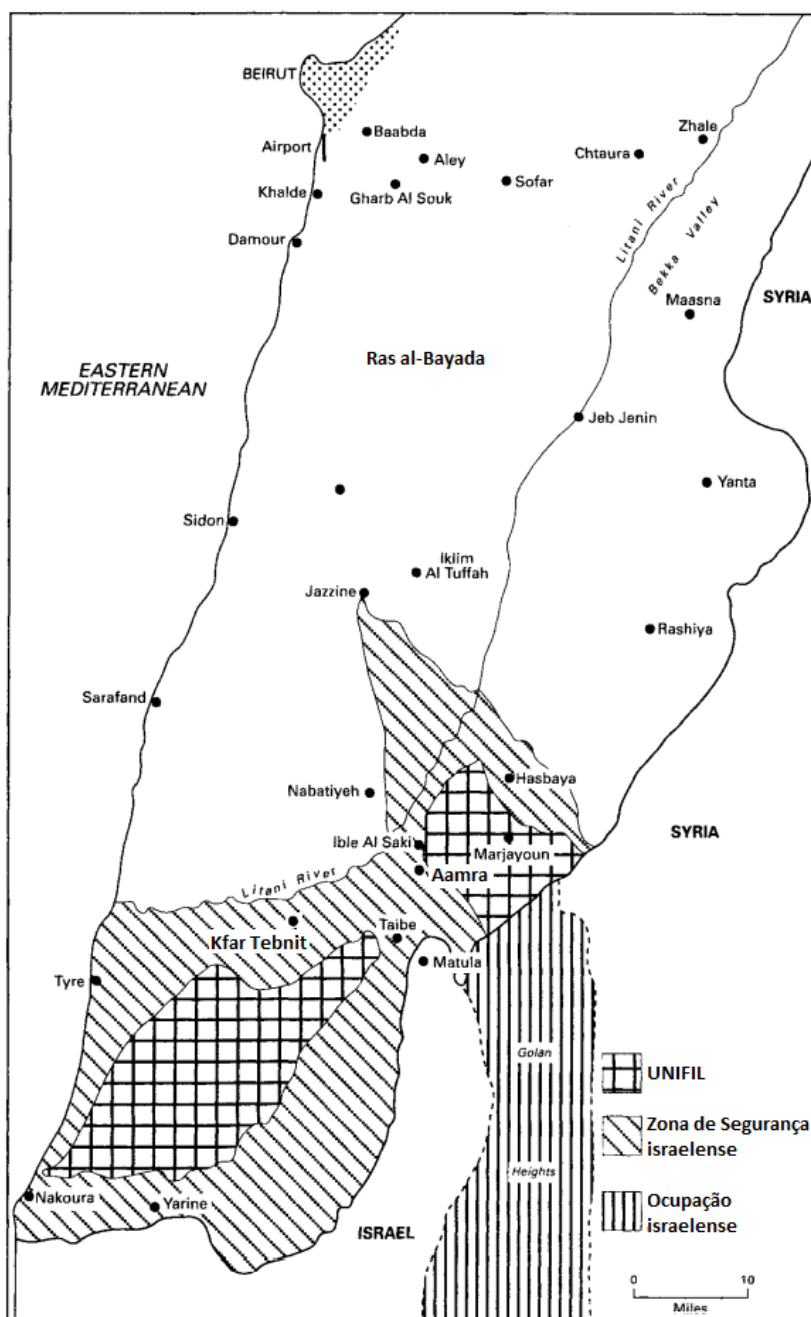


FIGURA 11 - Mapa de Ocupação da UNIFIL e de Israel no Líbano.  
 Fonte: O'BALLANCE, 1998, p. xxiii.



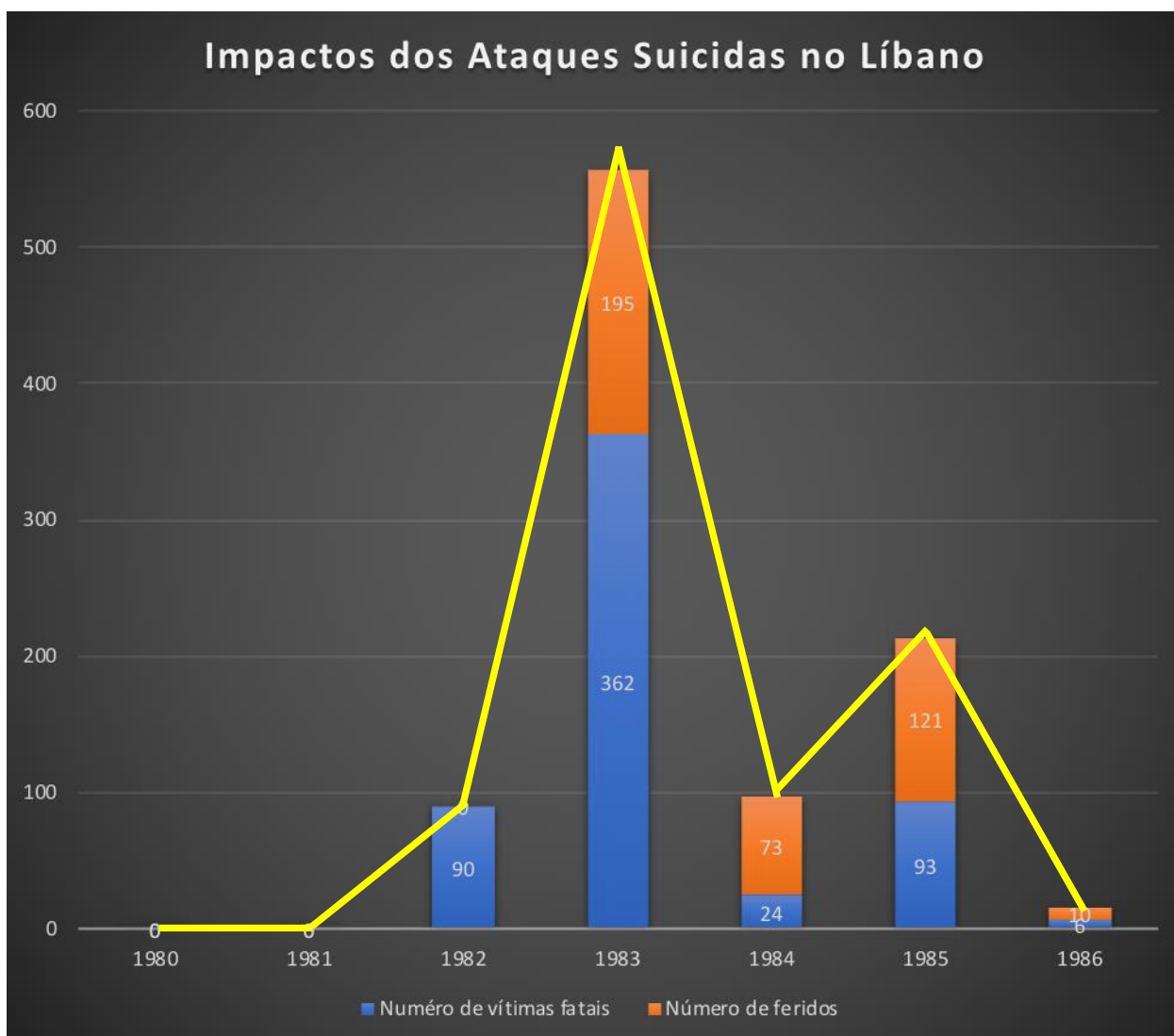
**ANEXO L – CURVA DE IMPACTOS DOS ATAQUES SUICIDAS NO LÍBANO**

GRÁFICO 1 - Curva de Impactos dos Ataques Suicidas no Líbano de 1980-1986.

Fonte: GLOBAL TERRORISM DATABASE, c2021.

Nota: Dados trabalhados pelo autor.

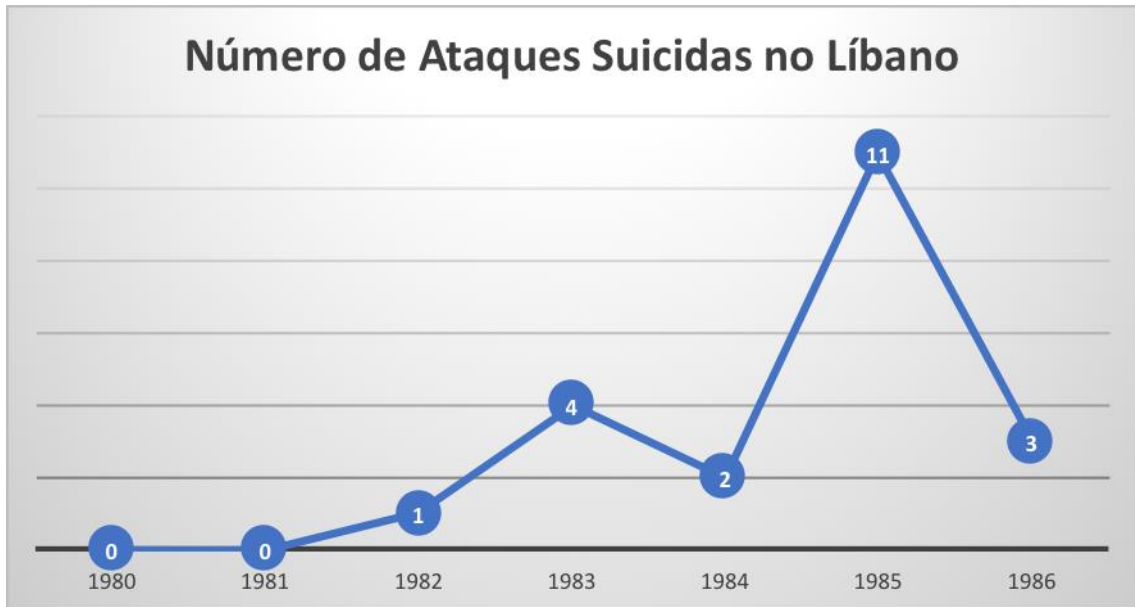
**ANEXO M – CURVA DE NÚMERO DE ATAQUES SUICIDAS NO LÍBANO**

GRÁFICO 2 - Curva de Número de Ataques Suicidas no Líbano de 1980-1986.

Fonte: GLOBAL TERRORISM DATABASE, c2021.

Nota: Dados trabalhados pelo autor.

## ANEXO N – CICLO DO TERRORISMO SUICIDA CONTRA DEMOCRACIAS

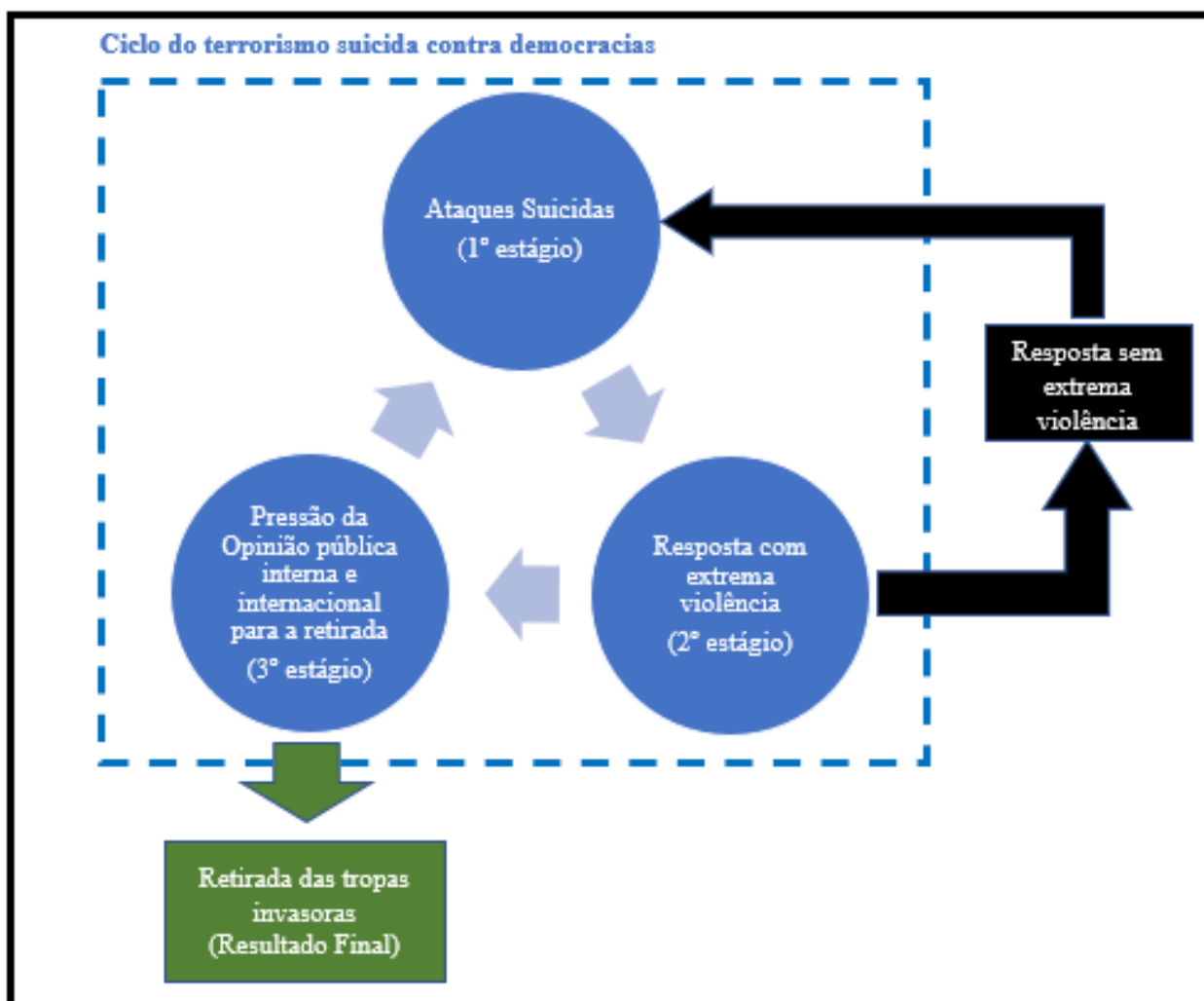


FIGURA 12 - Ciclo do Terrorismo Suicida contra democracias.

Fonte: PAPE, 2003.

Nota: Os elementos em azul são os estágios do ciclo do terrorismo suicida contra democracias que pode ser repetido até alcançar o resultado final em verde. O quadro em negro representa a necessidade de reajustes nos ataques suicidas realizados pelos insurgentes.